Revista da Semana

ANNO XXXII -- N. 9 Preço 1$200 14 de Fevereiro de 1931

Perfume * Agua de Colonia * Creme * Pó de arroz * Sabão * Loção * Brillantine

Visitem a linda exposição dos productos "4711" na Casa Bazin -- Avenida Rio Branco, 143

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1931** | **NUMERO 9**

Nove da noite. Saleta. Mapples. Charuto da Bahia, jornal. Piteira longuissima, cigarro perfumado, Foemina, Calor, Tédio.

MADAME — Sabe, Gastão, quem eu encontrei hoje na rua Gonçalves Dias?

MONSIEUR — ...

MADAME — A Anninha Salazar.

MONSIEUR — Ahn... Ahn...

MADAME, *escandalizada* — E acha isso bastante, como resposta? (*Com suprema languidez e desenxabimento*) — Ahn!... Ahn...

MONSIEUR — Perdão, não queria interromper a leitura deste artigo. Reservava-me para, daqui a pouco, lhe dar uma resposta mais explicita. Em todo o caso, seria incapaz de mostrar semelhante desinteresse ou fastio. A formula laconica que empreguei dependia naturalmente da expressão, do tom. Ora, o que eu respondi não foi... (*Imitando-a*) "Ahn, Ahn", mas sim (*Accentuando o mais possivel a inflexão*) "Ahn?!... Ahn?!" ...O que, syntheticamente, exprime: "Sim, senhora, muito me conta você! etc. etc. etc."

MADAME — Ou você não fosse advogado!

MONSIEUR — Dos outros. Tratando-se de mim proprio e de você... sou um homem sincero.

MADAME, *meiguissima* — Bandido!

MONSIEUR — E a tal Anninha? Se tem alguns detalhes a dar-me, não me deixe recomeçar a leitura. Que disse ella assim de extraordinario?

MADAME — Você conhece-a, conhece-lhe o systema... Em vez de contar novidades, quer que lh'as contem, a ella. Nunca vi uma perguntadeira assim. Com certeza acha que os outros têm obrigação de lhe communicar tudo o que fazem na vida. (*E como elle tenha voltado novamente os olhos para o artigo*) Está ouvindo?!

MONSIEUR, *dobrando definitivamente o jornal* — Estou, filha, estou!

MADAME — Por exemplo: por que não fomos ainda para Petropolis, quando nos outros annos subiamos logo depois do Natal?

MONSIEUR — Bôa memoria, heim?

MADAME — Não lhe escapa nada.

MONSIEUR — E que razão lhe deu você?

MADAME — Nenhuma. Assim é que eu a castigo! Disse-lhe apenas que subiriamos depois do Carnaval.

MONSIEUR — Se os meus planos derem certo...

MADAME — Hão de dar. E assim ella ficou persuadida — ou de que estavamos achando este anno o verão especialmente benigno e agradavel cá em baixo...

MONSIEUR — O que, tirante um dia ou outro, é a pura verdade...

MADAME —... mas não constitue razão bastante para a gente deixar de ir para fóra...

MONSIEUR — Perdão, conforme o...

MADAME — Quer ter a bondade de me deixar concluir o meu pensamento? (*O marido aperta os labios entre dois dedos, garantindo o seu silencio*) Ou ficou persuadida disso, ou então de a que nossa permanencia no Rio obedecia a causas complicadissimas tremendas e que eu lhe occultava!

MONSIEUR — E não insistiu nas indagações?

MADAME — Naturalmente, mas em outro terreno ou, antes, em varios outros terrenos. Porque não tinhamos ido ás festas dos aviadores italianos, e porque mais isto, e porque mais aquillo... Fui aguentando, aguentando. A certa altura, porém, não pude mais. E fui obrigada a declarar que, ultimamente, tinhamos apparecido menos... porque você andava adoentado.

MONSIEUR — Mau, mau...

MADAME — Não havia de querer que eu lhe confessasse...

MONSIEUR — De accordo. Mas arranjasse outra coisa. Sabe que esse motivo de saude, allegado em falso, dá asar e quasi sempre a gente adoece deveras.

MADAME — Ora você com superstições!

MONSIEUR — Bem sei que é uma tolice mas... Para a outra vez, acho melhor você dizer que quem anda doente...

MADAME — Sou eu mesma!

MONSIEUR — De modo nenhum! Mas, por exemplo... sua mãe.

MADAME — Gracinha de genro!

MONSIEUR — E então? Se você tem certeza de que nada acontece... Em summa, diante dessa ultima resposta, a mulherzinha deu-se por satisfeita.

MADAME — Qual! Aproveitou o ensejo para fazer mais perguntas. Uma série. "Ora, coitado! Mas que tem elle? Espero que não seja coisa grave. Anda assim ha muito tempo? Pela cara ninguem diria... E qual a opinião do medico?"

MONSIEUR — E você, calada.

MADAME — Esperando o fim da série. Quando ella poz mais ou menos ponto, limitei-me a declarar que você não tinha ainda começado o tratamento e que só se resolveria a isso.... depois do Carnaval..

MONSIEUR — Outra vez!

MADAME — Do contrario, tinha que arranjar uma enfermidade, dar o nome dum medico — para ella ir indagar e verificar que era mentira — inventar os remedios, a dieta... Um esforço enorme de imaginação e ainda por cima o perigo de dizer tolices! Ao passo que, assim, com quatro palavras liquidei tudo.

MONSIEUR — E afinal, consciente ou inconscientemente, applicou a phrase da época, a expressão que, nesta altura do anno, corresponde ao pensar e ao sentir de toda a gente... Nestas vesperas do Carnaval tudo se deixa... para depois do Carnaval...

MADAME — Já vê então....

MONSIEUR — A approximação dos dias consagrados á Folia faz com que só nelles se pense... a sério... Essa espectativa absorve todas as attenções, torna-se objecto de todas as preoccupações. A população inteira se prepara formal e convictamente para gosar o reinado de Momo, que derrama o jubilo e implanta a ventura — porque faz esquecer tudo o mais. Difficuldades e agruras da vida, luctas e decepções, antigas melancolias, dores de golpes recentes — tudo o grotesco deus pançudo e cheio de guisos arreda para longe das memorias e dos corações. Já lá dizia o velho Montesquieu: "Que doce palavra: esquecer!" Emquanto aguardam a hora dessa felicidade suprema, não podem realmente os homens reflectir noutra coisa. E seria uma crueldade perturbal-os nesse bello sonho. Negocios, trabalhos, decisões, simples projectos? Depois do Carnaval. Foi o que, nos ultimos dias, me responderam diversas pessôas a respeito dos casos mais diversos. "Sim, doutor, está muito bem... mas deixemos isso para depois do Carnaval". Que fazer? Viva o Carnaval!

MADAME — Viva! E não se esqueça da sua promessa do anno passado: que arranjaria, este anno, tudo a tempo para não perdermos os bailes do Jockey, do Fluminense, dos grandes hoteis... Promettido é devido!

MONSIEUR — Mas, meu bem, as coisas têm peorado tanto...

MADAME — Não se pensa nisso.

MONSIEUR — Mas ainda não conseguimos pagar todas as contas do mez passado...

MADAME — Ora, filhinho! Deixa-se o mez passado... para depois do Carnaval!

Uma hora de musica

conto de Adrien Vély

Tournial e Béclard tomavam o seu café após o jantar, no salão do hotel. Para estarem mais á vontade, tinham-se installado a uma mesa do canto, isolada por um biombo e varias plantas decorativas.

— Tenciona vir ao concerto de amanhã á noite? perguntou Tournial.

— Que remedio! respondeu Béclard.

— Homem, pensei que você gostasse tanto dessa musica moderna como eu proprio, isto é que fugisse della como o diabo da cruz...

— Com effeito, esse barulho me inspira um horror invencivel... E quando é produzido por amadores o horror attinge o verdadeiro desespero... Ora, ao que me dizem, o tal sr. Bourdelet martyrisa a valer um innocente violino, e sua esposa é um verdadeiro algoz de saias para os pianos que apanha ao alcance das mãos...

— Mas será possivel que não sintam, não adivinhem o que se diz em volta delles?

— Não fazem a menor ideia. E, se alguem os avisar disso, responderão que é mentira. Do contrario não ousariam annunciar esse concerto de beneficencia, a que todos os hospedes do hotel estão implicitamente condemnados. Depois, a pretensão dos dois *virtuosi* de fancaria... "Uma hora de musica, pelo sr. e a senhora Bourdelet"... Como, porém, os poderiamos castigar de semelhante desaforo? O mais simples dever de cortezia entre companheiros de "Palace" nos força a atural-os... Alem disso, é em beneficio dos pobres da terra. Parece que realmente os ha, apezar dos enormes lucros da estação thermal e do casino... Ora, ninguem quer passar por grosseiro ou forreta, deixando de ficar com os bilhetes... E prompto, não é preciso mais nada!

— Bom, paciencia. Uma hora de musica futurista acaba passando como qualquer outra... E quanto ao dinheiro dos bilhetes...

— Tem razão. Perdel-o na musica ou no baccará vem a dar no mesmo!

Nesse momento, ouviram-se passos no salão. Tournial e Béclard desviaram algumas folhagens e viram o casal Bourdelet que acabava de entrar. O marido trazia debaixo do braço a caixa do violino. Os dois musicophobos trocaram um olhar inquieto...

— Aqui, no salão, poderemos ensaiar socegadamente... disse a senhora Bourdelet. —Por muito seguros que estejamos das musicas, sempre é bom repassar o programma inteiro, a ver se temos tudo bem de cór, se os dedos estão bastante trenados...

Emquanto o sr. Bourdelet tirava o violino da caixa, Tournial inclinou-se ao ouvido de Béclard e segredou-lhe:

— Estamos bem arranjados! Temos que gramar duas vezes a inferneira destes duetistas!

— Espere, talvez não... respondeu o outro no mesmo tom. — A collocação do piano favorece-nos: vão ficar de costas para nós. E assim que principiar a musica poderemos retirar-nos em pontas de pés, sem elles darem por isso.

A senhora Bourdelet deu o *lá*, o sr. Bourdelet afinou o violino, e ambos, após um compasso em falso, atacaram o trecho que constituia o numero um do programma. Mal, porém, haviam começado, eis que o sr. Bourdelet interrompe a musica, para observar:

— Espera. Vaes muito depressa e assim não te posso acompanhar.

— Sempre toquei neste andamento! respondeu com firmeza a pianista.

— E' o que tu imaginas.

— Imagino, não, tenho a certeza! declarou, já assanhada, a senhora Bourdelet.

— Oh, isso, has de me dar licença...

— Dize antes que o meu "mechanismo" está melhor que o teu e por isso me não podes alcançar sem embrulhar as notas.

— Ora, adeus, não fallemos de mechanismo. E' facil andar depressa quando se vão supprimindo notas pelo caminho...

— Heim! O que?

— Além disso, tu estás ahi para me acompanhar e nada mais. Sou eu que assumo toda a responsabilidade da execução.

— Desafinando dessa maneira? Que bôa responsabilidade!

— Mas quem te disse que eu desafinava?

— Uma coisa que tu não tens: o ouvido.

— Isso é uma maldade! E uma maldade perfeitamente ignobil. O que tu queres é impressionar-me, para eu amanhã ficar nervoso, com medo de desafinar, e...

— E para que disseste tu que eu supprimia as notas? Talvez para eu ficar muito calma, não?

O patrão — Se o senhor Garcia voltar por aqui, diga-lhe que eu sahi... Mas que elle não perceba que o senhor está trabalhando, porque então não acreditaria.

Nessa altura, Tournial soprou junto á orelha de Béclard:

— Parece que o momento não é muito propicio para sahirmos em bicos de pés ..

Os dois conjuges estavam desenfreados. Eram invectivas e mais invectivas, sarcasmos e mais sarcasmos. E a scena durou meia hora segura. De repente, porém, o marido ponderou:

— Escuta, é uma creancice estarmos aqui a brigar... Melhor fariamos se pensassemos no programma de amanhã..

— Pois sim, como queiras.... responde ainda fremente a senhora Bourdelet..

Atacaram novamente a peça com toda a applicação e concordancia de que eram capazes. Ao cabo dum momento, Béclard cochichou:

—Agora, creio que nos poderemos safar...

Lavantaram-se, sahiram do seu reducto, avançaram, com toda a sorte de precauções, em direcção á porta... Nisto, porém, os passos de Tournial fizeram estalar uma tábua do soalho e ambos os instrumentistas se voltaram, espantados.

— Ah, estavam ahi? perguntou o sr. Bourdelet.

— Estavamos. Quer dizer: não estavamos. Mas...

— E ouviram tudo? insistiu a senhora Bourdelet.

— E' que... os senhores comprehendem... explicou o marido — Precisamos destas scenas para nos excitarmos, ficarmos bem capazes de sentir e traduzir a musica... E agora, já que os senhores surprehenderam o nosso segredo, podem ficar... Acceitaremos, com o maior prazer, as suas opiniões e até, se fôr caso disso, as suas criticas....

Tournial e Béclard tornaram a sentar-se, sabe Deus com que vontade. E os dois "mechanismos" recomeçaram a degladiar-se. Num dado momento, Tournial deitou a Béclard um olhar significativo e declarou:

— Hão de me perdoar. Eu não passo dum profano. Acho que se a senhora tocasse um pouco mais lentamente...

— Ao contrario! protestou Béclard, depois de fazer ao outro um signal de que havia comprehendido. — O sr. Bourdelet é que devia ir mais depressa...

— Ahi está, vês? exclamou o sr. Bourdelet. — A culpa é toda tua!

— Tua é que ella é! vociferou a esposa.

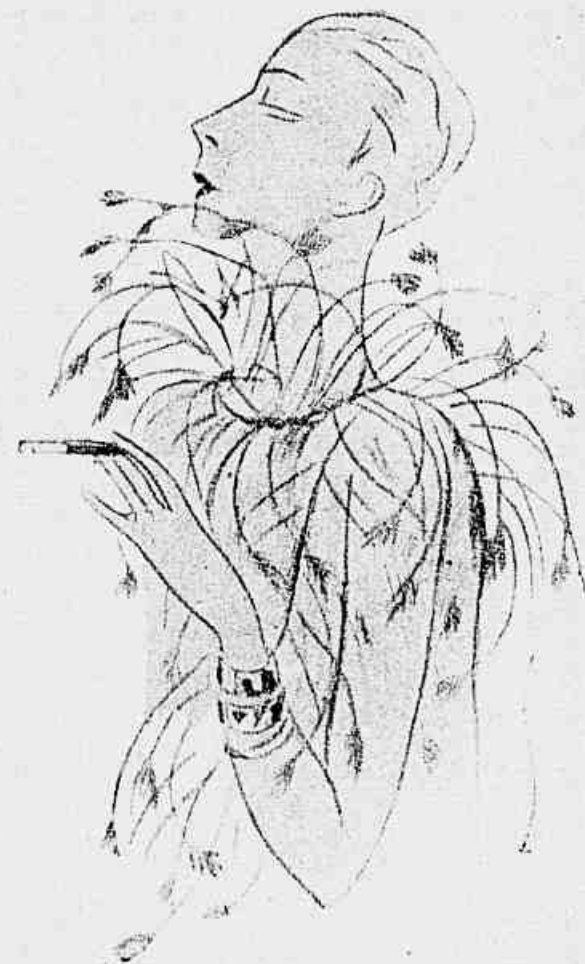
Um momento adormecida, a colera commum acordou, assanhada como nunca. De replica em replica e cada qual querendo ser mais violento que o outro, chegaram ás allusões mais graves, ás peores injurias... Até que Tournial, de relogio em punho, os interrompeu:

— Alto! E' quanto basta, pelo menos para nós. Já ouvimos a nossa "hora de musica". E que musica! Pedimos, portanto, licença para nos retirar. E amanhã, como não será para nós mas para os pobres, não tenham duvida: cá estaremos!

A voz do meu amigo elevou-se, limpida e melancolica, com um ruido de crystal partido:

— E' triste, mas é assim. Nós, os poetas, somos os unicos mendigos da existencia. E' habito chamar *pobres* aos que não têm pão. A nós, que passamos na vida sem o pão da felicidade, chamam-nos lunáticos. Lunáticos! Como se os que vivem na lua, como dizem com desprezo os sensatos cavalheiros

deste mundo, não fossem aquelles que mais se approximam de Deus. Repara bem : se Deus foi o creador de todas as perfeições e de todas as bellezas, quem são, neste planeta, os que melhor sentem e comprehendem as graças de tudo o que é bello e perfeito? Vê um corpo de mulher formosa: uns o acariciam quasi com devoção, quasi com medo de profanar uma das mais bellas obras da natureza; outros o poluem estupidamente, com a mesma brutalidade com que alguns lenhadores erguem o machado para esphacelar as velhas arvores seculares. Dirás que é o desejo manifestando-se de maneiras differentes. Está certo.

Mas quem é que soube encontrar ritos novos, enlevo, poesia no desempenho animal do amor? São todos aquelles que, fazendo versos ou não os tendo feito nunca, sentiram a necessidade imperiosa, quasi doentia de crear uma nova illusão. Concorda, vamos; um pobre pode ser, ainda, feliz um dia; basta que o capricho do destino se interesse por elle; mas um poeta? vês qualquer probabilidade de ventura para elle? A poesia mata ou envenena o espirito para sempre. Uma alma plena de sentimentalismo e de rimas não se adapta nunca inteiramente ás banalidades do mundo. Luta, mas sáe vencida sempre. Infelizes aquelles que podem gosar duma adaptação porque deixaram de ser artistas. Ser poeta não é, como muitos pensam, fazer rimas mais ou menos perfeitas. Queres saber em que consiste a tragedia da poesia? E' ter dentro do peito uma voz desconhecida que nos atormenta e delicía, que faz soar para nós unicamente rhythmos e phrases de belleza, e que empresta aos nossos olhos uma scentelha divina que nos obriga a buscar, a sentir, a crear até, quando ella não existe, uma Perfeição, um Encanto, uma Graça, uma ternura por tudo quanto se encontra perto de nós. Mas sabes qual é, tambem, o nosso castigo? E' uma clarividencia, uma saciedade, um horror, por tudo quanto é vulgar e baixo, por tudo quanto é mesquinho e sem arte. E' essa luta entre a Belleza que sonhamos e a Realidade que sentimos que leva quasi sempre os artistas ao alcool, ao deboche, ao suicidio. Recorda-te de Musset, Beaudelaire, Verlaine, Byron, Schopenhaure, Metzner e tantos, tantos outros. Todos tiveram um fim lamentavel, apezar de possuirem as maiores armas para o triumpho: a intelligencia e a vontade. Mas

tantas vezes a Vida lhes feriu o coração que decidiram não lutar mais e cederem ao appello do egoismo que lhes segredava: esquece, desiste, assassina essa voz que nasceu dentro de ti, amarfanha essa inimiga que é a tua ventura e o teu desespero. E o amor? Já notaste como esse menino caprichoso atormenta, terrivelmente, o coração dos artistas? Como os vence, como os subjuga? Todos os homens necessitam duma Musa, é certo; mas

— Porque é que estás chorando, garoto ?
— Porque encontrei dois mil réis.
— E choras por causa disso ?
— E' que se eu os dér ao papae, a mamãe me bate; se os dér á mamãe, o papae me bate; e se ficar com elles... apanho dos dois...

— Papae, que é a Boisa?
— E' um sacco pequeno onde se guardam as economias e um edificio grande onde se perdem.

os sentimentaes emprestam-lhe virtudes que as mulheres, coitadas, não possuem. Quasi sempre, escondidos entre as pétalas, guardam os espinhos da inconstancia que ha de envenenar a vida dos homens. Os fortes, aquelles que deslisam burguezmente na vida, colhem a rosa e antes de aspirar o perfume arrancam, com cuidado, os espinhos. Os poetas, não: na ansia de colherem toda a belleza, toda a perfeição,

toda a essencia, guardam a flôr na alma sem inquirir do mal que d'ahi provém. E que resulta da sinceridade do gesto, do enthusiasmo generoso do seu espirito? Que ellas troquem o coração divino de um artista pela carteira mais ou menos pesada de um vendedor de gados ou de um cavalheiro esperto e sensato. A sensatez de algumas creaturas! Que flagello para a arte e que sorte para as mulheres vulgares... E' por isso, quasi sempre, que o suicidio se colloca no caminho dos artistas. Lembras-te de Essenine, o poeta russo, marido de Isadora Duncan? Leste as cartas que escreveu á bailarina? São labaredas de amor e de maldições. E ella commoveu-se? Não: porque a sua alma estava dominada por outro amor. Que restava ao artista? A morte. Foi a amante que elle preferiu para esquecer o tormento da saudade. E chamam ainda infelizes aos pobres! Os párias da existencia somos nós. Nós é que andamos de sacola ao hombro mendigando da vida um pouco de sonho!

Beatriz Delgado

A historia da girafa

A proposito da recente chegada duma girafa ao Jardim das Plantas, de Paris, recordaram os jornaes o caso do animal enviado pelo pachá do Egypto, em 1827, ao rei Carlos X.

Foi, em Paris, um verdadeiro acontecimento.

A Academia das Sciencias consagrou á recemchegada toda a sua sessão de 2 de Julho de 1827. Usaram da palavra Geoffroy Saint Hilaire, que já publicára uma noticia explicativa, relatando a historia da girafa desde a sua partida do Sennaar até á sua chegada a Marselha e a Paris, e Mouger, membro não menos illustre da douta assembléa.

Este ultimo fez o historico da girafa desde os tempos mais remotos. Demonstrou que era já conhecida no tempo de Moysés, pois della se fala no Deutronomio. *Diziam-na originaria da Ethiopia.*

A primeira girafa viva que se viu na Europa foi a que Julio Cesar mandou vir de Alexandria e exhibiu aos Romanos, nos jogos de circo, quarenta e cinco annos antes da éra christã. E, mais tarde, juntou Aureliano á pompa do seu triumpho o espectaculo de varias girafas, até dez ao mesmo tempo.

Desde 1486 que nenhuma girafa viva fôra vista na Europa; nada mais natural, portanto, do que fazer a chegada a Paris em 1827 toda aquella sensação.

NA GRECIA

Parthenon, o celebre templo de Athenas, dedicado a Minerva, ou *Athena Parthenos*, decorado por Phidias. Era uma magnifica construcção de ordem dorica de marmore branco do monte Pantelico. Admiraveis frisas que representam a procissão das Parthenéas. Um grupo de touristes norte-americanos em visita ao velho templo, que vae ser reconstruido.

OS ANTEPASSADOS

Conto psychico por Yantok

QUANDO se está com uma chicara de café numa das mãos e com a outra se recebe a communicação de uma herança, o desequilibrio é notavel. Comtudo, affectei a maior fleugma, afim de evitar que as calças brancas ficassem maculadas pela preciosa rubiacea.

Afinal, tratava-se de coisa banal; herdei um velho casarão, esborcinado, coberto de vegetações, talhado para scenario de fantasmas.

O pardieiro fôra construido em épocas immemoriaes, passando de pae para filho até chegar-me ás mãos, como ultimo dos abencerragens, o superstite da estirpe dos condes de Espinafre, da 9.ª degeneração, com mais tara que cara.

Deixando de lado certos escrupulos, quem não gosta de passar por imbecil deve convir commigo que, quando se toma posse de uma casa, se deve desconfiar dos seus inquilinos gratuitos, ratos, baratas, aranhas, pulgas, lacráus, escorpiões, daquella outra cheirosa creatura e de algumas feras domesticas. Mas, por um requinte, não herdado, de sentimento humanitario, repugnou-me a idéa de recorrer a uma acção de despejo, tomei posse do casarão, como ultimo galho sem folhas de uma familia cujo fundador deve ter visto Adão de chupeta.

Não descrevo estructura e disposição desse pardieiro para não estragar o almoço do leitor, que é meu compadre. Limito-me, em obediencia a uma pretenção, a leval-o ao subterraneo. Era o logar para o qual haviam sido banidos os moveis velhos, desaprumados, carcomidos, invendaveis, imprestaveis, inhypothecaveis, de cambulhada com malas,livros, papeis velhos e recordações apresentadas.

Apezar de ter eu (ultimo conde d'Espinafre) visto a luz kerozenica no sobredescripto pardieiro, nunca me dignei fazer uma visita ao subterraneo (medo? não!)

O meu ingresso improvisado no amplo grotão foi saudado pela debandada de varias tribus de ratos troglodytas. O cáos mobiliario jazia sob espessa camada de poeira archi-secular, protegida por um manto rendado de teias de arranha de solidez garantida. De um lado havia um armario encaixado na parede, tão empoeirado que só por um rasgo da minha intelligencia(!) pude descobril-o. Mas outros attractivos despertavam a minha curiosidade.

Uma mala virada de lado, a mó de navio encalhado, jazia boquiaberta despejando a papelada pelo chão socado. Apanhei por acaso um calhamaço, amarello como

se padecesse do figado, e vi que se tratava de cartas e documentos de cuja antiguidade só Tut-ank-Amon podia dar testemunho.

Escarafunchados em diversos idiomas, antigos, modernos e salteados, com retratos em poses tronchudas, desbotados, inconcebiveis, esses papeis pouco me interessavam.

Os meus antepassados nunca se interessaram por mim; portanto, estou no direito de pagar-lhes çom a mesma moeda.

Joguei-os fóra e approximei-me do armario na parede. A idéa de um thesouro só occorre a quem ainda não se tornou sceptico com os tempos bicudos que correm.

Que objectos costumam-se guardar num armario? Roupas, livros, cacaréus, cartas de amor, mais ou menos interpretado... O armario estava fechado á chave, procedimento estranhavel, porquanto não tenho noticia de a chave ser uma invenção antiga. A fechadura, talvez. Não pertencendo, tambem, á nobre classe dos arrombadores, recorri a um prego, que pela sua respeitavel camada de ferrugem estava quasi a dar... o prego.

Afinal escancarou-se o batente do armario e um corpo indefinivel do lado interno escorregou até topar-me num callo de estimação, dado a estudos de astronomia.

Uma mumia em pelle e ossos, trajando uniforme militar, que devia pertencer a qualquer corporação guerreira do anno 500 no maximo, escorregara até parar aos meus pés, esticando os braços e pendendo a cabeça para a frente, como um actor de cinema.

Segurei-a em tempo e, apesar do meu sangue de barata, fui bastante figadoso para dizer:

— Oh! desculpe! Machucou-se?

Tudo eu esperava de uma mumia, menos esta resposta:

— Não, meu bem —Estou habituado aos escorregões.

Sua pelle de pergaminho, enrugada como marroquim, ennegrecida, contrahiu-se ainda. A mumia levantou o craneo, virou-o para mim e esboçou um encantador sorriso cadaverico. Involuntariamente apertei-lhe uma das mãos, cujos ossos estalaram como um feixe de bambús.

— Com quem tenho o prazer de falar? — perguntei.

— Com o general Martinho d'Espinafre, herói das Thermopilas. Serás tu, por acaso, o ultimo dos Espinafres?

— Exactamente. Por emquanto, general.

— Ora, muito bem — respondeu o mumificado guerreiro pondo-se de pé com macabro estalo nos ossos, o que muito me indispoz, pois não gosto de *jazz*.

Bateu uma palmada ossea sobre o meu hombro e, endireitando a carcassa, proseguio:

— Meu rapaz, com certeza estás estranhando que eu, já morto ha não poucos seculos, te falle agora. Não se trata de espiritismo. Vou te contar.

O general destacou-se do armario e com o desengonço d'um boneco de *guignol* foi sentar-se sobre uma mala, convidando-me a fazer o mesmo.

— Deves saber — continuou com voz cavernosa o

general d'Espinafre — que nesta casa vivia meu irmão Xavier, um chimico maluco genial, descobridor de uma droga que restituia uma vida ficticia aos mortos, mas por uma hora apenas. A alma vagante recompunha o corpo, anteriormente occupado, mas só exercia o poder vital por uma hora. Esse poder era fornecido pela evaporação da droga. O vidro que a contém está no armario. Abrindo-o, o vidro virou e aqui estou. E' questão de evocar os defuntos e destampar o vidro que contém a droga. Sua evaporação vai formando os corpos que serão reoccupados pelas respectivas almas.

— Por uma hora?

— Por uma hora. E' pouco para conversarmos, meu caro successor, mas não ha outro meio.

De repente surgiu-me uma idéa na castanha.

— General, se nós invocassemos a presença de alguns dos nossos antepassados, que tal?

— Não é má a idéa, rapaz. Ahi ha documentos de sobra para que possas escolher, entre os mais illustres da nossa nobre familia.

Apanhei uma braçada de documentos e fiz minha escolha, sem me preoccupar com as datas.

O general, entretanto, havia ido á procura da droga em cujo rotulo se lia: *Vitalizador Xavier*, dóse horaria.

— Supponho que não quererás receber nossos antepassados neste subterraneo — disse o general.

Fomos para o salão de visitas. A criada Marina, uma sympathica morena espigada, mal viu a mumia soltou um grito rouco e quasi desmaiou.

— Não te impressiones, Marina. E' o general Martinho d'Espinafre, tataravô do bisavô de meu avô. Vamos, prepara um cafezinho, cerveja, chá para uma dezena de convidados; daqui a pouco todos estarão aqui.

❁

O effeito do vitalizador excedeu a todas as minhas espectativas. Em poucos instantes encheu-se o salão de antepassados, cada qual trajando o costume da época, militar, civil, ecclesiastico ou maltrapilho. Abraços e apertos de mão, pouquissimos; caretas, muitas, pois evidentemente muitos não se viam de bôa cara.

Guiado pelos documentos, entreguei-me á tarefa de intervistal-os um por um. Nenhum delles deu mostra de me conhecer, talvez porque morreram antes de que eu nascesse. Ahi está o mal da pouca cohesão numa familia.

Logo ao começar fiquei intrigado vendo um homem sem a cabeça, que trazia na mão, como se fosse o chapéu.

— Faça o favor de repôr sua cabeça no logar — convidei amavelmente.

—Não vale a pena — respondeu o meu antepassado. Mesmo antes que a guilhotina m'a cortasse, eu já a havia perdido pela mulher que matei.

Meu orgulho baixou de um gráu.

Um assassino na familia! Passei adiante.

Quando eu ia atacar conversa com um typo magro, de bonnet virado ao avesso, notei que meu peso havia diminuido. Apalpei o collete e vi que meu relogio e corrente de ouro haviam desapparecido. Portanto, havia entre os convidados um ladrão. Provocar um escandalo entre defuntos, todos meus antepassados, seria inacreditavel. Conformei-me com o caso.

— O senhor tambem é meu antepassado? — perguntei a um sujeito barbado, de má catadura, trajando á moda do 700.

— Sei lá disso! — retrucou o homem, dando de hombros. Só me lembro de ser um D'Espinafre quando morri.

— Vejo que o senhor substituiu a gravata por uma corda, observei — Moda do seu tempo ou distracção?

— Não suppunha ter por successor uma pessôa tão pouco perspicaz, respondeu elle — Custa-lhe tanto adivinhar que eu morri na forca?

Curvei-me respeitosamente perante o illustre patife, que, honrando a nossa nobreza, se fizera Barba-Azul.

Não me convinha endireitar-lhe o nó da *gravata* por causa da hereditariedade e ao passar adiante topei numa linda moça que tossia, talvez para chamar a minha attenção sobre seus attractivos e sua saia-balão, feitio tapera de indio.

— Senhorita Marieta d'Espinafre, se não me engano?

— Acertou. Não se approxime muito porque morri tuberculosa.

Que pena! pensei — Tão bonita!

Um casamento esfumado, embora com a differença de 324 annos.

Ao lado della, um sujeito maltrapilho, sujo, barbado, nariz rôxo pôr-de-sol nublado, distinctivo dos bebados, puxou-me pelo casaco e avançou uma mão.

Instinctivamente dei-lhe um tostão, cujo valor elle deu mostra de ignorar.

— Tambem meu antepassado?

— Sou o pae da condessinha Marieta, aqui ao lado. Não quer me reconhecer, essa borboleta, porque me reduzi á miseria para mantel-a no luxo. Tornei-me o cumulo de podridão, pedindo esmola por ella.

— E a senhora? — perguntei a uma velha alta, impertigada, com oculos, sizuda, um typo de santarrona, barata de igreja.

— Sou madame Tiririca d'Espinafre. Meu primeiro marido foi esse patife do general Martinho. Já tive outros maridos, amantes e amigos, que a todos enganei. Tornei-me tão hypocrita que me tomaram por Santa.

— De facto — respondi — ha aqui um documento de beatificação da senhora.

Virei-me de lado para não rir, mas dei de cara com o general Martinho, o qual com um sorriso de leitão assado apalpava uma porção de medalhas que lhe pendiam do peito encarquilhado.

— Tão beata como eu sou heroe das Thermopylas, que nem sei onde estão.

— Possivel que não haja entre os meus antepassados um só digno... de mim? — perguntei-me desanimado.

Restava-me o recurso de intervistar o ultimo, que se mantinha arisco no fundo da sala. Com grande surpresa vi que ella se vestia á moda romana, época de Vespasiano.

— Com quem tenho o prazer...? — perguntei.

O homem cumprimentou á moda de Mussolini, ampliando com o rictus uma larga cicatriz do rosto, e respondeu.

— Quis sum? Romanus cives, canis immundus es, (quem sou? um cidadão romano — Você é um cachorro sujo).

Diabo, o homem falava latim! Concentrei num esforço todas as minhas reminiscencias do latim mal digerido nos bancos escolares e aventurei-me a responder:

— Quis canis immundus? (Quem é o cachorro sujo?)

— Tu, certe (E's tu com certeza).

— Nihil interest tibi. Nescio vita tua, complanabo tibi nasum (isso não te interessa. Não conheço a tua vida, só estou reparando no teu nariz).

De latim em latim o meu antepassado romano acabou declarando que foi o maior pirata da sua época, sicario de Vespasiano, carrasco, ladrão, contratador d'escravos; chamava-se Sempronius Espinafrorius, que na casa, que acabou sendo minha, por elle construida com o sangue do povo, enforcou suas quatro mulheres numa corda só e morreu hydrophobo por ter sido mordido pela sogra.

Os meus antepassados não aceitaram café, nem chá, tão pouco cerveja, dizendo não conhecer essas drogas.

De conversa em conversa o tempo passava, esgotando-se a hora concedida pelos effeitos do vitalizador.

O diabo do general mumificado, sem olhar para as conveniencias, ia pespegar uma beijoca na criada, quando, tendo-se-lhe esgotado a hora de vida posthuma, estatelou-se no chão como um feixe de estacas.

Amparei-o.

— Vamos repôl-o no armario?

— Pr'o diabo — exclamou uma voz. Sou o Xavier, seu irmão. Queria apoderar-se da minha formula e matou-me miseravelmente — Patife!

— Patifes todos — corrigi — E eu tenho de ser o resumo de suas bellas qualidades! — resmunguei.

Liguei o radio, pensando disfarçar o embaraço da situação, mas a repulsa foi tal que um dos antepassados apanhou o vidro do vitalizador e tapou-o.

Tudo desappareceu da minha presença.

— Cambada de patifes! Essa que é a minha estirpe! — gritei — Vou acabar com isso.

Enguli d'um trago o conteudo do vidro e até agora ainda estão procurando a minha carcassa.

YANTOK

JUBERA

— E cada dia está tudo peor, sinhá Ulpiana. Quer a senhora acreditar que esta vela custou cinco mil réis?

— Cinco mil réis? Então, isso não é uma vela, é uma caravela...

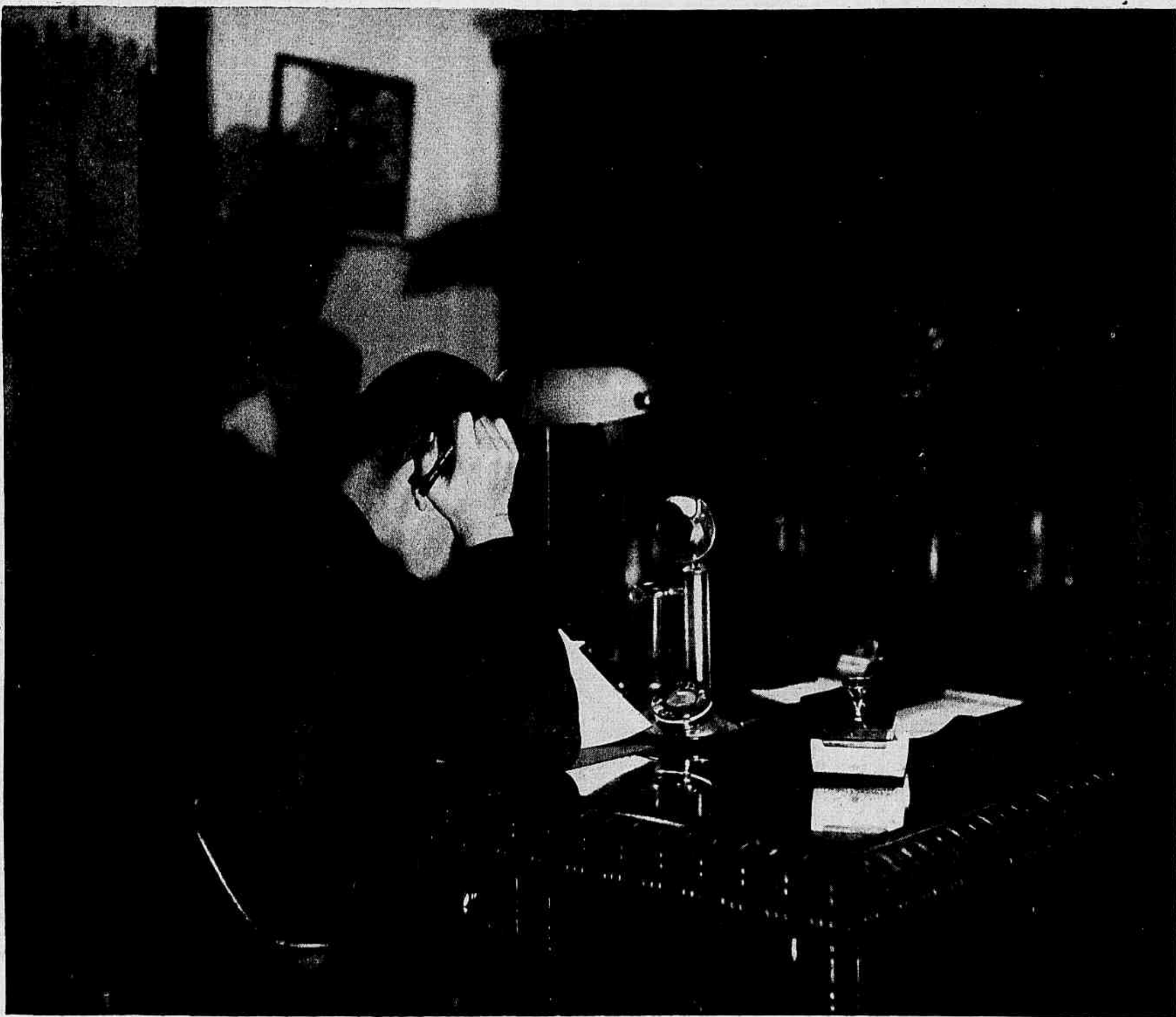
(*Este é com vistas ao Raul...*)

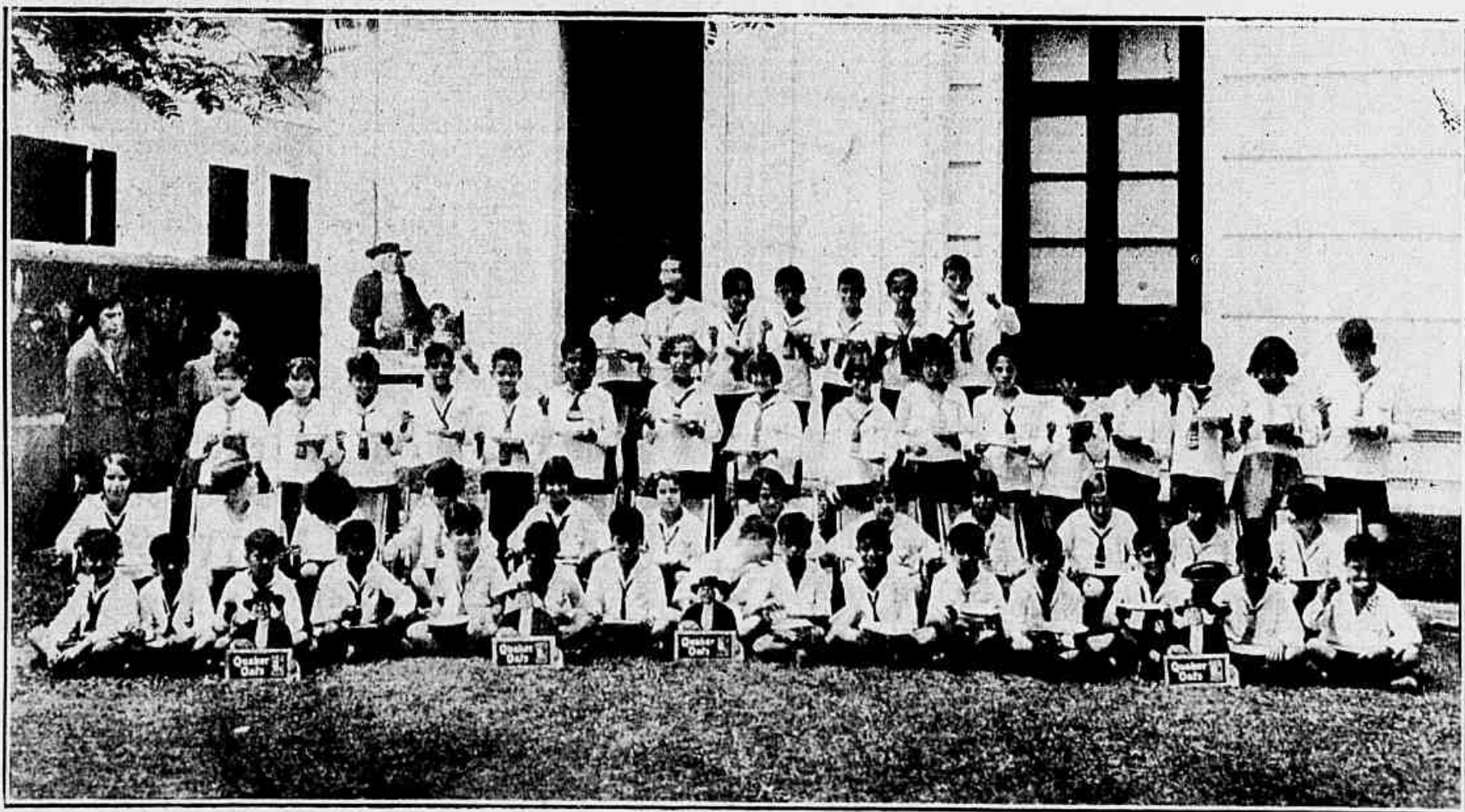
Um grande casamento em Chicago

Em dia do mez passado realizou-se em Chicago o casamento da senhorinha Malalda Capone, irmã do celeberrimo chefe de bandidos Al Capone, com John Maritote, chefe doutra quadrilha famosissima. Contando a noiva dezoito annos, o noivo vinte e tres e tendo ambos excellentes dotes physicos, elegancia, ares sympathicos, genio alegre, não se trata no emtanto dum casamento de inclinação mas de uma união de conveniencia, destinada a pôr termo ás rivalidades entre os dois bandos de malfeitores. Assim, pelo menos, se dizia em Chicago.

Houve primeiramente a intenção de se celebrar o casamento na intimidade. Mas esse plano foi modificado. E no momento da ceremonia havia no templo mais de quatro mil pessoas — além da multidão accumulada nas immediações.

A noiva vestia de setim branco, com os braços nús, apezar da recente prescripção da Igreja Catholica, uma cauda immensa e na mão um ramo de quatrocentos galhos de lilá branco. Os vestidos das donzellas de honor eram de tafetá côr de rosa claro e os sapatos azues. O irmão e representante do "Al" — pois que este julgara prudente não comparecer — estava soberbo na sua toilette de ceremonia. A mãe da noiva, que de vez em quando enxugava discretamente uma lagrima, ostentava um manteau de pelle de lontra, que custara 50.000 dolares ou sejam, mais ou menos, 50 contos de réis.

O noivo parecia um tanto nervoso, mas a noiva mostrava uma calma admiravel. Foram effectuadas algumas prisões na igreja e houve varios atropelos de que resultaram ligeiros desastres — mas tudo por fim se resolveu da melhor maneira. E foi com imperturbavel dignidade que a noiva tomou o seu automovel, uma sumptuosa limousine.

John Maritote, o noivo, é officialmente empregado da Bibliotheca Municipal de Chicago, onde ganha 120 dollares por mez.

A alimentação das creanças nas Escolas

Aspecto do *lunch* offerecido aos alumnos da 6.ª Escola Mixta "Minas Geraes", do 2.º Districto, pela Quaker Oats Co.

Nos principaes paizes da Europa e da America, de ha muito a Instrucção Publica vinha estudando a maneira pratica de alimentar as creanças nas escolas, com lunch sadio e que não perturbe o horario das aulas.

Tendo em vista a vontade que tambem a Instrucção Publica deste paiz tem em proporcionar bôas merendas aos seus alumnos, a Directoria da 6.ª Escola Mixta "Minas Geraes" do 2.º districto desta capital, permittiu que a Quaker Oats Company realizasse demonstrações naquella escola, que foram realizadas com o maior exito conforme se verifica do attestado abaixo, offerecido espontaneamente pela directora daquelle estabelecimento de ensino:

"Attesto que foi ministrado durante trinta dias, a 50 alumnos desta Escola, desde 10 de Novembro até 10 de Dezembro de 1930, o regimen alimentar de Aveia Quaker, aliás com excellente resultado, conforme prova o augmento de peso das creanças que ao mesmo foram submettidas, constatado pela Enfermeira Escolar, de accordo com a relação que me foi fornecida e que aqui incluo. Districto Federal, 16 de Dezembro de 1930. 6.ª Escola mixta "Minas Geraes" do 2.º Districto. — A directora (assignada) — *Ernestina Werneck Pereira.*"

Bibliotheca de telephone

Um grande hotel de Londres acaba de inaugurar uma bibliotheca... dos telephones. Podem assim ser encontrados os endereços de 25.000.000 assignantes dispersados em todas as partes do mundo.

O Natal em Hollywood

Em parte nenhuma do mundo, diz um jornal, se celebra o Natal com tanto enthusiasmo e pompa como em Hollywood.

Desde 1 de Dezembro vão chegando á grande Avenida de Hollywood enormes pinheiros da especie classicamente adoptada em tal festividade, os quaes formam duas extensas filas, com grinaldas luminosas e multicores.

Durante toda a noite de 24 de Dezembro cem projectores atiram para os céus o seu jubilo glorioso; a cada momento ardem peças pyrotechnicas; e o Papae Noel, majestoso no seu casacão escarlate orlado de arminho, passa num automovel de luxo.

Nessa noite a Avenida de Hollywood toma o nome de Avenida de S. Nicolau. Todas as suas vitrines flammejam; todas as suas janellas despedem luz. Chega Papae Noel, com o carro atulhado de sacos de brinquedos; um cortejo de creanças o segue até ás ultimas casas da cidade. Onde vae elle? Toma a direcção de Los Angeles, saudado pelas mais ardentes aclamações. Alli, num immenso parque, distribuirá presentes ás creanças pobres e voltará depois a Hollywood para presidir os folguedos que irão até alta noite.

Cada estrella de cinema —além das que não estão propriamente nessa categoria — plantou no seu jardim uma arvore de Natal. E trocam-se presentes, e praticam-se assaltos originalissimos.

O anno passado Bebé Daniels distribuiu trezentos e vinte presentes, e ainda maior numero espalhou Marion Davies, que bateu o record da generosidade.

Em casa de Harold Lloyd observa-se um costume encantador: sua filhinha Gloria leva ao pae a arvore de Natal que ella acaba de despojar de todas as dadivas e que é então plantada no jardim da familia junto ás arvores dos annos anteriores.

Senhorinha Ada Mattos, da sociedade de Barreiras (Bahia)

CREANÇAS

Haroldo Lloyd, afilhado da senhorinha Jovelina de Carvalho. (Barreiras — Estado da Bahia).

Diney, Dina, Dino e Diná, filhos do dr. Abilio Faria e d. Otilia da Silva Faria.

Wandinha, filha de d. America Liguori. (Barreiras — Estado da Bahia).

Maria, filha do sr. José de Maria Oliveira Braga (Nictheroy — E. do Rio).

Mauro Gilberto, filho do sr. Antonio Jacintho Lemos e d. Odila Franco Lemos (França — S. Paulo).

PRAGAS

por HERNANI DE IRAJÁ

(Conto para creanças e adultos)

D. Henriqueta era uma velhota alegre, cumpridora de seus deveres religiosos. Ia á missa todos os domingos, confessava-se e commungava regularmente, e era devota de Santo Antonio, de quem tinha uma bella imagem no oratorio de seu quarto de dormir.

Ora, d. Henriqueta, apezar de todos os temores da religião, não perdia o máu costume de ás vezes pronunciar palavras prohibidas aos bons catholicos. Isso era-lhe tão familiar que, nem em consciencia, confessava ao conego lá de sua parochia.

E, entre as palavras feias que amiude lhe vinham á bôcca, nenhumas como "Diabo" e "Inferno" repetidas com rabugice quando a sua filha Luiza demorava em cumprir qualquer ordem ou não a executava a contento.

— Vae para o inferno, menina estouvada ! — dizia-lhe exasperada d. Henriqueta.

Se Luiza não passava direito os lenços e as toalhas, se amarellava os collarinhos do tio, lá berrava-lhe a impertinente senhora:

— O' menina do Diabo, vê como deixaste a roupa !

Outras vezes:

— Vae para o Diabo que te carregue!...

Luiza tinha 16 annos e gostava de cinema. Mas só tinha essa diversão aos domingos. Ia com algumas amiguinhas da vizinhança e voltava contente, contando as principaes façanhas dos heróes do drama ou da comedia.

D. Henriqueta não gostava disso. Ficava á janella ou ia molhar as plantas de seu jardimzinho ou punha-se a desfiar as contas de seu rosario.

— Antes estivesses estudando qualquer cousa de grammatica ou geographia! Que é que adeantas com cinemas?

A menina quasi sempre acordava cêdo e ia fazer o café. D. Henriqueta sahia para ir ao Thesouro buscar o montepio do "fallecido", para a igreja, para alguma visitinha e ás vezes tambem ia ás feiras livres.

❁

Tio Ildefonso fazia annos naquelle mez. Como elle fosse professor, as alumnas tinham preparado uma festinha. Combinaram com d. Henriqueta fazer uma mesa de doces e refrescos, e "brincar-se" um pouco ao som de uma victrola á noite.

Luiza haveria de recitar naquelle dia uma poesia de Adelmar Tavares.

D. Henriqueta, na vespera do anniversario, com a *"Noite cheia d'estrellas"* na mão, verificava a certeza da filha. Mas a declamação não era certamente a vocação da mocinha.

— Mexe com as mãos ; faze um gesto assim... mais elegante! Não, nada disso; é assim que aqui está: "Alma de Perfeição! Flôr de Nobreza!"

Luiza repetia tudo mas, quando dizia os versos certos, esquecia-se da pontuação e dos gestos ensinados varias vezes.

A velhota cansava-se, atirava-lhe o livro para cima da mesa e sahia com um — "Diabo ruim!"

❁

No dia jubiloso a menina desembuchou a poesia rapidamente, com os olhos baixos, como alguem que deseja livrar-se de cousa incommoda. Por fim, atrapalhou-se e foi preciso que sua mãe lhe soprasse:... "Quiz fallar... Não pude... Baixei os olhos... e empallideci..."

Todos acharam muito bom e até mesmo uma verdadeira "diseuse" a Luizinha que com tanta arte *imitou*, *"viveu"* — (como dizem os reporters)—a poesia do Adelmar.

Quando a festa acabou, d. Henriqueta deu os *parabens* á declamadora:

— Eu já sabia d'antemão que irias fazer aquelle papel triste e ridiculo!

— Esqueci só no fim, Mamãe; e todos me deram palmas !

— Vae para o diabo com as tuas palmas! Foi deboche, ficaram rindo de ti e *gozando* a minha situação, ouviste?

A menina foi deitar-se chorando.

❁

Aqui é que principia a historia.

Era a mesma noite ainda, mas Luiza não dormira apezar de enrolada nas cobertas havia mais de duas horas.

Parecia-lhe que "tinha" alguem no seu quarto. A noite era fria e escura. O vento mexia nas arvores... As folhas, arrastadas nas rua ou no jardim, davam a impressão de passos furtivos.

Luiza estava com medo! Pareceu-lhe ver no cabide, junto de suas roupas, uns olhos brilhantes, fixos para ella!

Queria gritar, mas receiava-se da sua propria voz.

Enrolou a cabeça e rezou a Nossa Senhora. Sentiu-se alliviada. Clareava a madrugada e o azul dos céus abria-se em luzes festivas. Os gallos contavam. Luiza ainda dormia.

— Até que horas hoje, dorminhoca, preguiçosa !

Era a bôa d. Henriqueta que ia para a missa sem ter tido o prazer do café com leite matutino.

❁

Passaram-se duas semanas.

A vida não variou.

Apenas Luiza estava mais magra. Começára a ter *mêdos*. Os quartos escuros horrorizavam-n'a; era incapaz de atravessar o corredor sem luz que ligava a sala de visitas á de jantar.

Para dormir, fez-se necessaria uma lamparina no quarto.

Alguem observou que eram um pouco rispidos com a coitada e que *isso de se mandar alguem constantemente para o inferno* atraza a vida.

Parece que a devota se impressionou um pouco. Não se sabe se pediu conselhos ao padre; mas quando, d'ahi por deante, lhe escapava uma praga batia na bocca e fazia o signal da cruz.

Por que dizem ser a sexta-feira o dia das assombrações? Não sei. Mas o certo é que o *sonho* daquella senhora foi n'uma noite de sexta-feira.

Luiza fôra recolher umas roupas.

Sua mãe sentara-se n'uma cadeira da cozinha. Estava frio. Veiu-lhe o somno. Pezaram-lhe os olhos e sonhou.

A janella abrira-se e uma cara medonha surgira do escuro. Era... sim, era o Diabo! Olhar máu, irritante e cynico, com os chavelhos classicos, o bigode, a barba lendaria...

Elle poz a mão adunca no batente da janella e deu um urro fórte, fortissimo!

D. Henriqueta gritou e acordou espavorida.

A janella estava fechada.

Ella chamou:

— Luiza! Luiza!...

Ninguem respondeu:.. Mas o vento tinha um mysterio para contar a alguem...

❁

No jardim molhado da chuva estavam bem nitidas umas pégádas inexplicaveis. Parecia que alguma cobra ou bode grande andara por alli.

Dois dias depois Luiza foi encontrada ainda fóra de si. Ella estava com fórte cheiro de lacre ou enxôfre. A pelle cinzenta e resequida. As roupas rasgadas deixando ver pendente do pescoço numa correntinha a medalha de Santa Therezinha.

Luiza estava cahida adiante das *Furnas*, perto de um mattagal espesso e escurissimo.

Dizem os entendidos que a medalha foi a sua salvação, pois ao rasgar-se-lhe a blusa o *"homem-sinistro"* devia tel-a deixado, penetrando terra-a-dentro.

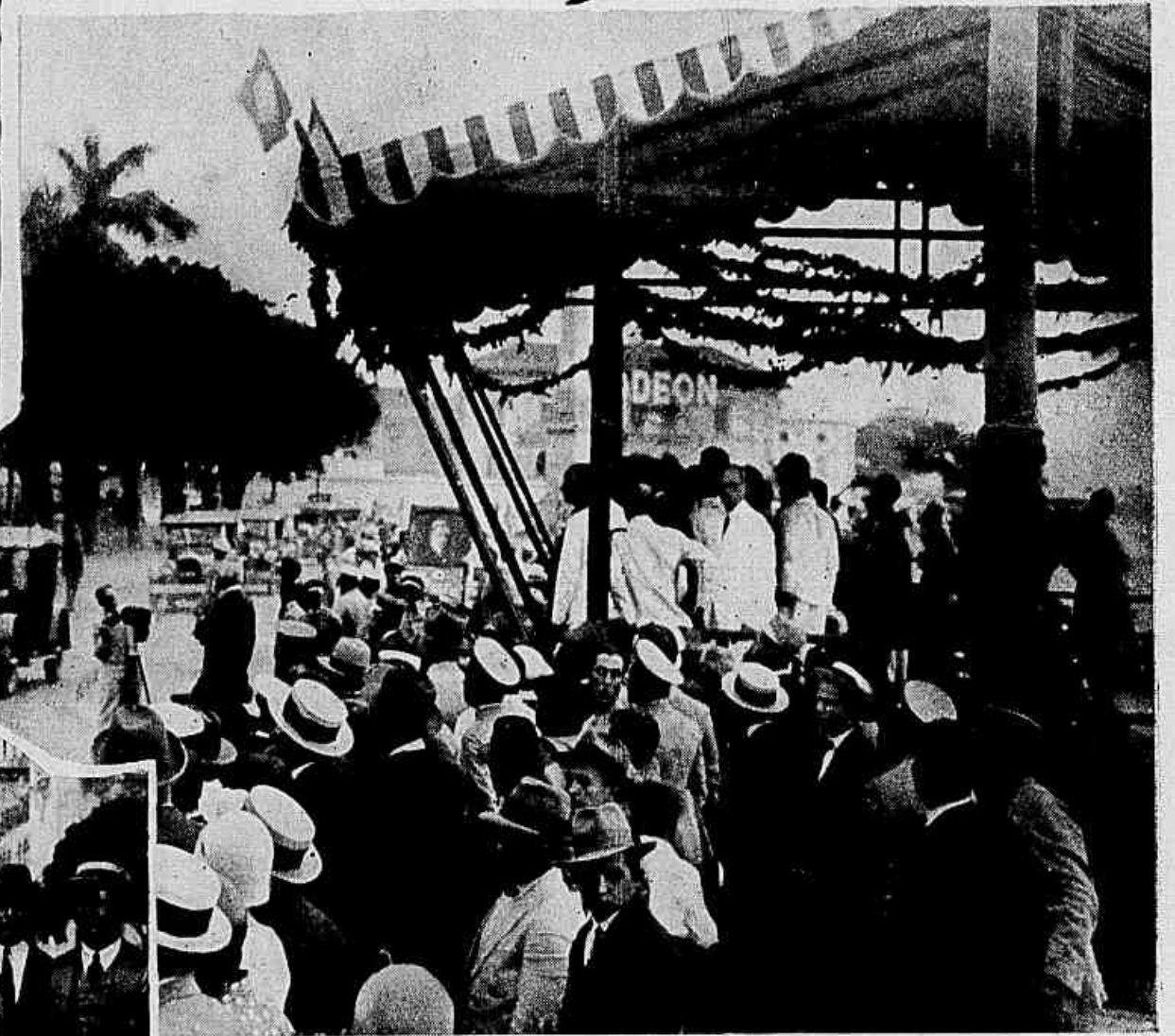
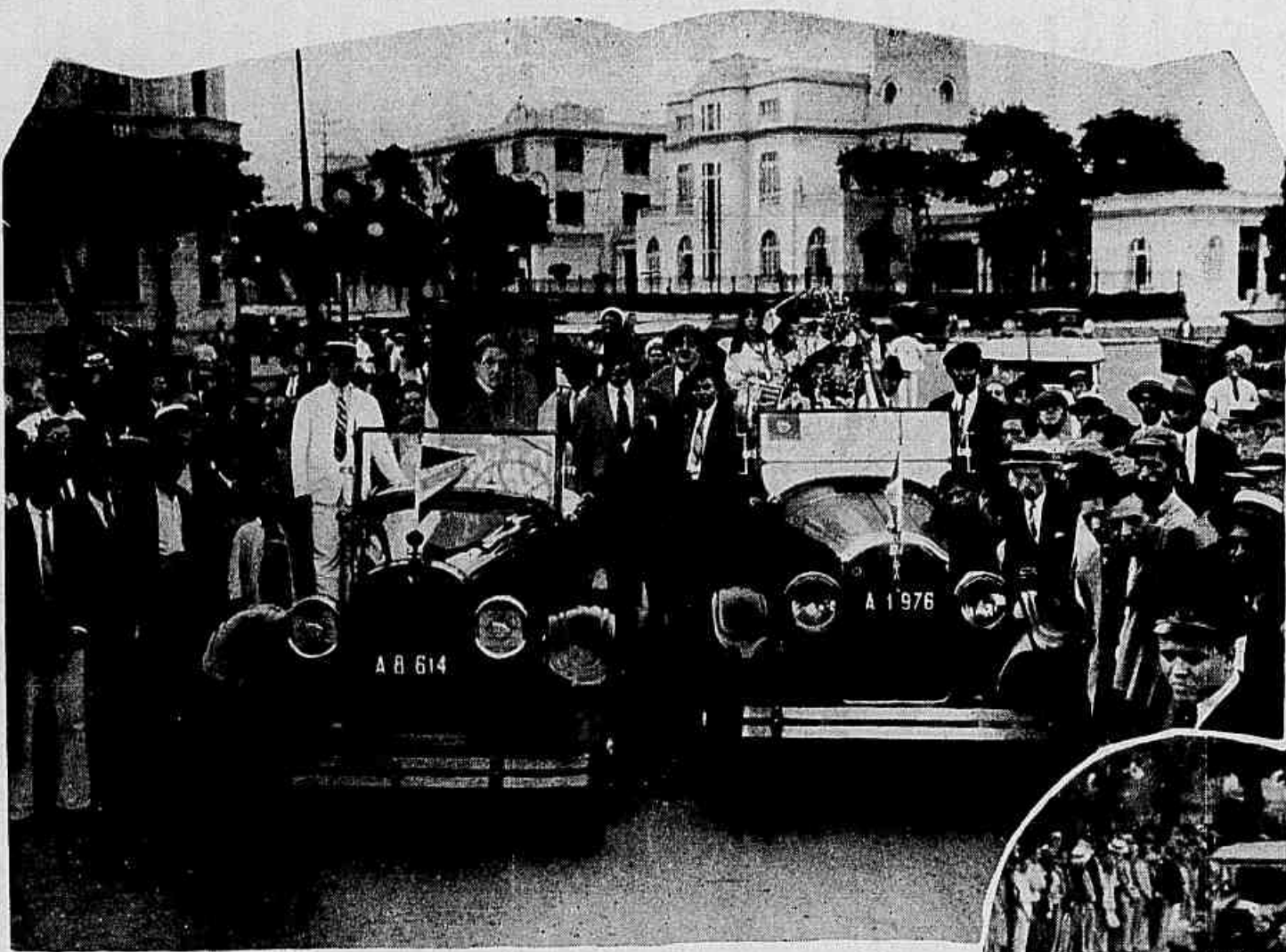
A convalescença foi longa...

D. Henriqueta está mudada. A' noite rezam as duas, e ás vezes os tres, que o tio Ildefonso accompanha as orações.

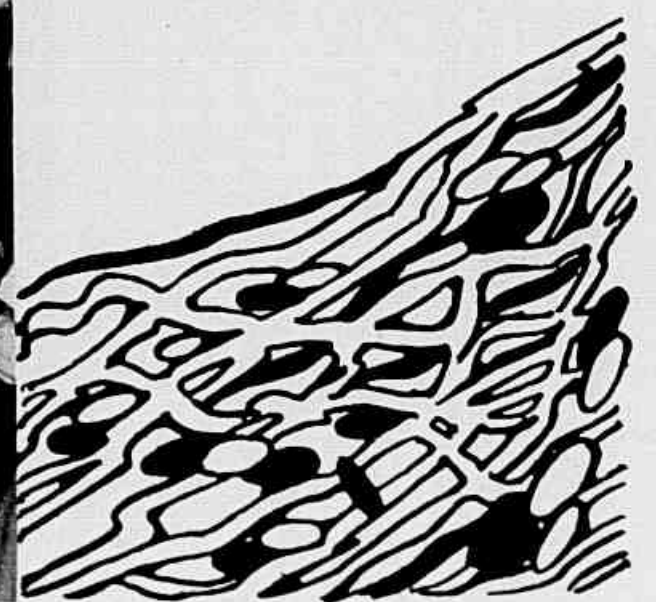
Hernani de Irajá

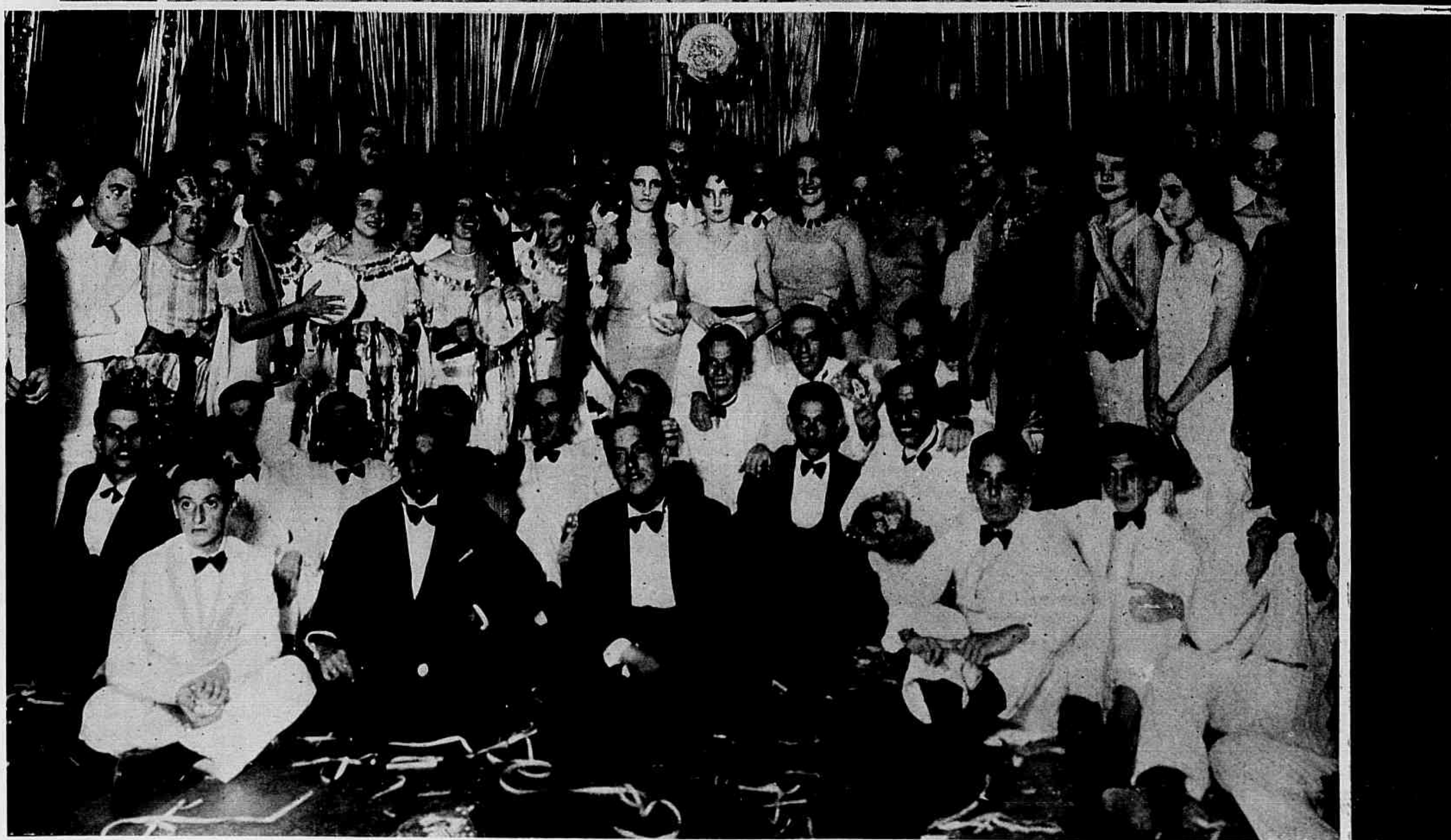
BAIRRO DE GRAJAHÚ

Com a presença de S. E. o cardeal d. Sebastião Leme e da Exma. esposa do chefe do Governo Provisorio, que paranymphou a solemnidade, realizou-se no domingo transacto, pela manhã, o lançamento da pedra fundamental da Escola e Egreja de N. S. do Perpetuo Soccorro, no bairro de Grajahú — o pittoresco e saluberrimo recanto carioca que surgiu, como uma cidade miraculosa, graças á iniciativa e ao poder de realização da Companhia Brasileira de Immoveis e Construcções, nas faldas da majestosa serra da Tijuca. Ha poucos annos o Grajahú era um vasto mattagal abandonado e de pouquissimo valor economico. A Companhia Brasileira de Immoveis e Construcções — cujos escriptorios hoje funccionam em 3 pontos differentes da cidade — Avenida Rio Branco n.º 48, rua Marechal Joffre 174 (Grajahú) e rua Abreu Lima 5 (Realengo) — voltou as vistas para a região inhabitada e, adquirindo-a, retalhou-a em lotes, abriu ruas, lançou rêdes de exgotto, illuminação, agua, calçou as vias, levou a ellas os mais efficientes meios de transporte, linhas de bondes e omnibus, e em menos de 10 annos, ao mesmo tempo que dotava o Rio com um dos mais aprazíveis e mais modernos de seus recantos, permittiu aos adquirentes felizes, com um emprego de capital reduzidissimo, feitos os pagamentos em suaves prestações, verem esse capital quadruplicado e em constante perspectiva de valorização. Agora, a Companhia culmina em sua obra de progresso erguendo uma Escola e erigindo uma Egreja. Dá o pão da sciencia e da fé, em um movimento de grande humanidade, que nossos clichés attestam, vendo-se nelles o chefe da Igreja no Brasil e a Exma. esposa do chefe do poder temporal da Republica a prestigiarem o emprehendimento de que Grajahú vai orgulhar-se.

Os chauffeurs ao Interventor Federal

A União Beneficente dos Chauffeurs do Rio de Janeiro, interpretando o sentimento da classe, levou a effeito uma expressiva homenagem ao dr. Adolpho Bergamini, interventor do Districto Federal. Encima a pagina um aspecto da formação do corso de automoveis na praça Mauá. A' direita, o desfile dos carrões diante do pavilhão onde se achava o hamenageado, no aterrado da Lapa. Ao lado, o sr. Adolpho Bergamini no local onde recebeu a significativa homenagem.

Momo no Club Germania

Os clubs allemães se reuniram, para os festejos de entrada do Carnaval, no Club Germania. O cliché superior representa um aspecto da assistencia. O cliché ao iado mostra um interessante detalhe das festas de Momo na Allemanha: — o *Principe* do *Carnaval* rodeado da sua côrte.

Momo em Nictheroy

Foi um esplendido baile á fantasia o que o Praia das Flexas Club realizou, na ultima semana, nos salões do Club Central, na vizinha cidade de Nictheroy. Os clichés inferior e superior mostram a assistencia elegante e jovial. No cliché do centro o grupo das "Bailarinas do Amor" nove graciosas senhorinhas da élite fluminense, que foram as nove musas dessa festa encantadora.

Flóra e Fauna Carnavalesca

Por Escragnolle Doria

ATÉ o padre Antonio Vieira, o jesuita de duas patrias na gloria, Portugal e Brasil, fallou no "tumulto do Carnaval". Até ao silencio do cubiculo do assignalado membro da Companhia subiram echos da palavra tão profana, tão de seculo: Carnaval.

Não é muito pois que, todos os annos, a palavra circule pelo mundo e, pelos povos d'este, desvaire imaginações provocando excessos aos quaes favorece sempre o máu substracto da natureza humana.

Dividiram a creação em tres grandes reinos, cada um com o seu rei, o homem no reino animal, disputando primazia ao leão, ambos de garras.

O reino do Carnaval, a exemplo da creação, póde ter talvez fauna e flora, dando corpo á primeira variados typos carnavalescos de diversas épocas, florescente a segunda em qualquer cousa util a fins carnavalescos.

A flóra de Carnaval sempre foi limitada e teve por maior representante o limão de cheiro, de especie renegada pela botanica e, a não ser nome, sem parecença alguma com o fruto vulgar cujos gomos tanto pódem ser doces como azedos, a modo das surprezas do amor e do matrimonio.

O limão de cheiro carnavalesco é especie ora incultivada, mas isso não quer dizer não tenha revivescencia.

O homem, como a fabulosa phenix, não goza do privilegio de resurgir de cinzas e, se tal privilegio lhe fosse concedido, provocaria não raro incidentes e scenas bem desagradaveis.

Assim certo rustico, mal casado duas vezes, ouvindo fallar em chuvas copiosas capazes de pôr a surgir da terra quanto ella encerrava — referiam-se ás sementeiras — perguntava se isso era verdade, pois tinha um par de esposas no cemiterio para descanso proprio e do conjuge.

Comtudo ninguem se admire da ressurreição dos limões de cheiro. Estamos assistindo, em 1931, ao resurgir dos vestidos compridos e dos chapéus femininos de 1831, quando o romantismo enlanguescia o mundo.

O limão de cheiro sempre servio ao entrudo e ás suas régas formidaveis do seculo XIX, tão formidaveis que muitas vezes do "tumulto do Carnaval", com a devida venia do padre Vieira, conduziam á paz da sepultura.

E, para não adiantar sem provar, lembremos Grandjean de Montigny, o illustre architecto, membro da missão artistica de 1866, cujo fallecimento foi attribuido a molhadela do antigo entrudo carioca, sem respeito a idade, sexo e condição.

Janeiro, em nossa capital, era o mez da safra original dos limões de cheiro, muita gente occupada d'elles no fabrico, parte para fins de lucro.

Aliás, no Rio antigo, com uma doçura de costumes e facilidade de viver das quaes o Rio moderno não tem noção, o Carnaval favorecia bons negocios commerciaes.

Quasi a população inteira se preparava para o que, pomposamente, a imprensa costumava chamar "as lides carnavalescas", propicias ao velho commercio do Rio de Janeiro, recordado em livro de Ernesto Senna.

O carioca, em qualquer outra occasião, podia e era prodigo; das suas mãos, cremos, nunca se poude dizer que tivessem "unhas de fome".

Transcorridos Natal, Anno Bom e Reis, festas de gastos, o carioca se tornava economico qual formiga á bocca do inverno. Ahi vinha o Carnaval e o carioca precisava dos mil réis. Noutro tempo ninguem sonhava com o Cruzeiro, moeda que aliás jamais chegou a luzir financeiramente, embora annunciada para deslumbramento de milhões de olhos. A Historia lhe falle n'alma.

Dantes, ao velho Carnaval bastavam os mil réis, modestosinhos mas facilmente adquiriveis. Quantos os tinham á farta sortiam-se antes do Carnaval nas lojas de luxo.

Os homens graves, usando sobrecasaca e cartola, proviam-se de chapéus baixos, de castor, para evitar as "encartolações" das ruas, sobretudo as do centro da cidade, nos tres dias do destempero carnavalesco. Não consentia este o apparecimento de cartolas nos dias gordos e ai do ousado que trouxesse a infeliz. Uma pagava caro a ousadia do outro.

A folia carnavalesca não constituia só recreio para gente de escada social abaixo. Personagens da mais alta jerarchia apreciavam o Carnaval. O decoro proprio não lhes consentia disfarces, mas gostavam de vêr os outros fantasiados, algumas pessôas talvez com saudades de tempos juvenis, mais de accordo com o afivelar de mascara sobre a da face.

O povo, sobretudo o sem-collarinho e portanto, ainda menos, sem gravata, esse dava largas ao desejo de todas as licenças, salvo as poeticas.

Tornava-se o povo o grande collaborador da obra ephemera do Carnaval carioca cuja historia longa ainda se não interrompeu, e bastante se tem narrado.

O senhor povo, que ás vezes faz tremer tanto os grãos-senhores, quando ideal mostarda lhe sóbe ao ideal nariz, collaborava á farta na alegria do Carnaval,

O entrudo no Rio de Janeiro, em 1821.
Desenho Debret.

malgrado as lamentações de alguns chronistas de imprensa proclamando sempre a decadencia carnavalesca. Ha agoureiros de profissão.

Mas um verso francez já mostrou existir quem mate muita gente continuando esta de perfeita saúde. Ao grito classico de "Carnaval na rua", a via publica se enchia de mascarados, fauna carnavalesca nem sempre espirituosa é certo, semsaborona muitas vezes, mas em massa.

No Carnaval. Passo largo.
Caricatura de Calixto.

A penna dos escriptores, o lapis de Raul e Calixto têm muitas vezes memorado os principaes typos da fauna folions de outr'ora.

Desde o principio do anno, cada um conforme as posses, ia imaginando a sua fantasia, alguns logo fixados quanto á natureza d'ella, outros ainda a escolhendo até ultima hora na porta ou na vidraça dos armarinhos.

Ahi se amontoava o melhor de todo o arsenal carnavalesco; mascaras de todo o genero, grandes, pequenas, de luxo ou de simples contentar, desde o *loup* de velludo preto até á mascara de dois tostões para crianças pobres.

Nem á porta ou á vidraça das lojas faltavam fantasias, talhadas ás duzias, limões de cheiro, bisnagas, estalos, graciosamente chamados, não se sabe porque, "estala moças", porta-vozes, uma infinidade de quinquilharias para adorno de mascarados, alem de cabelleiras postiças de varia côr, remoçando ou encanecendo os portadores.

Typo infallivel da fauna carnavalesca era o "velho", de roupagem á seculo XVIII, calções, sapatos de fivela, bastão e luneta. O "velho" mostrava-se não raro um heróe, nos dias de verão implacavel, quando Farenheit testemunha quanto sóbe o calor. O "velho" enfiava cabeça, ás vezes bem pequenina, por fóra e por dentro, em mascara enorme cujo peso lhe punha suór em bicas pela face de suppliciado, mormente quando elle entrava a fazer piruetas, que julgava de côrte.

Outro martyr carnavalesco era o "indio" cheio de penna, cobras vivas sem dentes ao pescoço, dando urros, por julgal-os indispensaveis a egresso das selvas de alguma estalagem.

Tambem martyr da devoção carnavalesca e da temperatura estival era o "urso", pobre homem votado ao pello do animal de fórmas tão pesadas e de focinho tão delgado. O "urso" carnavalesco apresentava quasi sempre côr negra ou parda. Razões de economia levavam o folião a não se metter na pelle do urso branco, alvissimo na neveira dos polos.

Aliás o fantasiado de roupas usadas via-se perseguido pela molecagem, ao grito denunciador de "é do anno passado, é do anno passado".

O "burro", tambem conhecido por "Dr. da Mula Russa" apparecia nas ruas, de calças pretas, sobrecasaca ruça, de cartola, sobraçando muitos livros, dizendo asneiras, calumniando pela estupidez humana o animal tão intelligente se teimoso: o burro.

Outro exemplar da parvoice: o "Bébé chorão" mascara com expressão abobalhada, vestido acreançadamente, fralda de camisa de fóra e de pouca nitidez.

Typo carnalavesco bellicoso era, em geral, "o diabinho", todo de vermelho, longo rabo enrolado á cinta, servindo-se de porta-voz de folha de flandres para soprar facecias ou descarregar golpes. A's vezes "o diabinho" ia a augmentativo, na pessôa de latagões, no meio dos quaes a policia descobria alguns capoeiras temidos da justiça. Escapavam á collecção de malfeitores que as autoridades policiaes, delegados, subdelegados e inspectores de quarteirão, costumavam fazer nas vesperas de Carnaval.

A collecção ia ter á rua Frei Caneca, outr'ora Conde d'Eu, transferida dos carros fortes para a porta da Detenção. Muitos dos collecionados ahi entravam cabisbaixos, só para ouvirem dos cubiculos os echos do Carnaval. Entre os colleccionadores viam-se preferidos os gatunos, amigos das multidões para fins de prestidigitação. A gente de rumo á Detenção tambem pertencia á fauna carnavalesca, embóra de genero especial.

Na fauna figuravam o "Dominó" muito de agrado feminino; o "Pae João", hoje chamado o "Sujo", roupa rasgada, vassoura em punho; o "Chinez" cujas tranças ou cujo rabicho davam gaudio á criançada de rua. Approximava-se, cautelosa e subtil, do pseudo-filho do então Celeste Imperio, hoje no paraizo da republica e da guerra civil. Quasi sempre o "China" trazia balança ou cesto para camarões inexistentes, tanto assim que nenhum gato apparecia, para miar appetites atrás do vendedor.

A fauna carnavalesca de outr'ora era muito mais representada pelo sexo masculino que pelo feminino ao envés da actualidade. Reflicta e conclúa quem quizer.

Ruidos não faltavam ao velho Carnaval, com os Zés Pereiras, cujos bombos e cujas caixas atroavam os ares. Segundo foi dito, certo zé pereira ao entrar em casa pequena, á força de malhar nos bombos e de rufar nas caixas, chegava a apagar os bicos de gaz mais proximos.

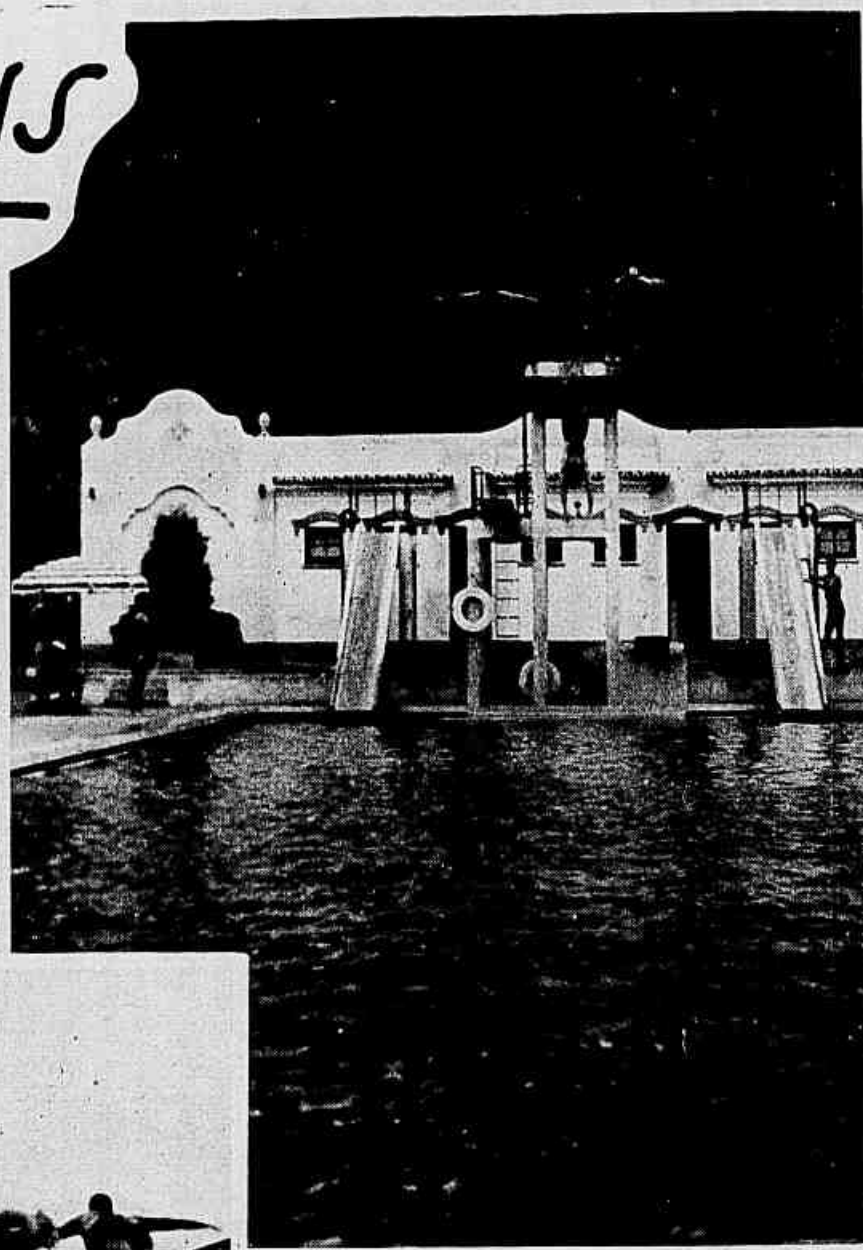
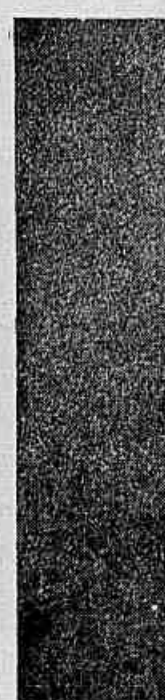
Isso tudo até terça-feira gorda, até ultimo arranco de Carnaval. Raiada a aurora de Cinzas, moia-se a vida em ramerrão, vinha a Quaresma lembrar ao homem o seu nada, comparados todos nós, por Job, a simples folhas agitadas pelo vento. O cemiterio recolhe as cahidas.

Escragnolle Doria

OS FUNERAES DO BARÃO DE TEFFÉ — O ULTIMO SOBREVIVENTE DO RIACHUELO

O venerando almirante Barão de Teffé, reliquia da nossa Marinha e ultimo sobrevivente dos commandantes da batalha naval do Riachuelo, cerrou os olhos á luz da vida no seu *villino* de Petropolis, legando aos seus uma das mais raras fortunas: a gloria de um nome illustre, aureolado pelo heroismo e pela justa projecção nas paginas da Historia patria. Morreu inesperadamente, porque a despeito de avizinhar-se do centenario tinha o prestigio da saude realçada magnificamente pela integral lucidez do espirito. Os seus funeraes tiveram, com as flôres da natureza, de que tanto tempo se cercou, em sua velhice de glorias, o tributo da Patria, da Familia e da sociedade. nas quaes foi o illustre varão um vulto inconfundivel.

No alto da pagina (1 e 2) dois de seus ultimos retratos: o da esquerda, na simplicidade de seu descanso domestico; o da direita, em seu uniforme militar. No 3.º cliché, o ataúde no momento em que se prestavam ao grande morto as honras devidas ao seu posto. No 4.º cliché a urna funebre, na camara mortuaria, vendo-se do lado esquerdo a corôa offertada pelo chefe do Governo Provisorio da Republica. No 5.º cliché o prestito funebre a caminho da Avenida 15 de Novembro, e no 6.º o caixão ao sahir da residencia do Almirante, vendo-se a conduzil-o, em sua alça direita, o representante do chefe da Nação.

Tennis Touring Club de Petropolis

Com um excellente festival esportivo o Tennis Touring Club de Petropolis inaugurou, em 1 de Fevereiro corrente, a explendida piscina que veiu embellezar suas installações. A' esquerda da pagina as gravuras indicam, em roda da piscina, a affluencia elegante que trouxe, á ceremonia, o prestigio da sociedade petropolitana. A' direita, dois aspectos das provas athleticas realizadas, vendo-se os lindos saltos com que os primeiros esportistas fizeram os numeros de mergulho.

A matinée infantil no Praia Club

O Carnaval no City-Bank Club

O banho á fantasia do ATLANTICO CLUB

O banho de mar á fantasia, do Atlantico Club, foi um successo carnavalesco e social. A improvisação do *travesti* da sociedade de Copacabana obedeceu ao symbolismo moderno: aqui um grupo de alegres aviadores, com a miniatura do avião como estandarte; alli, um casal de petizes sob a diversão da kodack; e, em tudo, a delicia da alegria, como se vê no ultimo grupo.

O BANHO DO SULTÃO

O "Cordão da Bola Verde", filiado ao C. R. Boqueirão do Passeio, realizou, domingo pela manhã, um interessantissimo desfile á fantasía imitando, chistosamente, o prestito de um Sultão, onde nem faltaram as *houris* e uma escolta de guerreiros que tripulavam carros puxados por mulas, na falta de authenticos camellos ou elephantes... Após a visita aos principaes clubs da cidade, a rapaziada do Boqueirão deliciou-se com um optimo banho de mar de volta á sua séde. Foi o banho do Sultão que, este anno, constituiu o *numero* de sensação com que os valentes *rowers* sempre abrilhantam o Carnaval.

O BAILE do C. R. Botafogo

O reinado da Folia foi festejado elegantemente pela elite de Botafogo no veterano club da *Estrella Solitaria*, sabbado ultimo. Os salões do glorioso gremio de esportes nauticos, caprichosamente ornamentado sob orientação esthetica modernissima, acolheram o que ha de mais fino e gracioso na alta sociedade desse bairro carioca. Um aspecto geral da sala e da assistencia é o que apresentamos no cliché inferior desta pagina. Nos clichés superior e médio dois interessantes grupos de elegantes senhorinhas que "posaram", na *terrasse* do C. R. Botafogo, para o nosso photographo.

ANNIVERSARIOS

No dia 14 — as sras. Maria Pereira de Souza e Mello, Alice Brandão dos Anjos e Marieta Ramôa; as senhorinhas Cecilia José Saboia e Abigail Maria Cabral; o dr. Guedes de Miranda; o sr. Gustavo Feijó.

No dia 15 — as senhoras Fernandes Figueira e Albertina Dutra Ferreira; o dr. Carvalho Borges; o major Affonso Ferreira.

No dia 16 — a sra. Olympia Ferreira Botelho; as senhorinhas Julieta Ramôa, Cecilia Paulino da Silva, Josephina de Souza Martins e Celeste Calazans; o commandante Washington Perry de Almeida; o academico Alberto Ramos Junior; a menina Regina Helena, filhinha do casal Eurico de Figueiredo Sampaio; o academico e magistrado dr. Adelmar Tavares; o dr. Adolpho Konder, ex-senador.

No dia 17 — as sras. Eliza Imbuzeiro, Pinto Machado, Eloy Teixeira e Leonor Beaurepaire Rohan de Aragão; as senhorinhas Laura Gomes de Mattos, Laura Augusto James e Sylvia Accioly Monteiro; o dr. Jorge de Toledo Dodsworth; o illustre embaixador Souza Dantas, uma das mais brilhantes figuras da nossa diplomacia.

No dia 18 — a senhora João Carvalho Vieira; as senhorinhas Algenib Thaumaturgo de Azevedo, Esther Burlamaqui e Guiomar Carlos de Novaes; os drs. Fernando Monteiro, Canuto de Figueiredo, Fernando de Magalhães e Franklin Sampaio Junior.

No dia 19 — senhoras Souza Pitanga e Magalhães de Almeida; o ex-ministro Oliveira Botelho; o ex-senador Mendonça Martins; o dr. Lindolpho Xavier.

No dia 20 — a sra. Candida Kopke; a senhorinha Ivette Dias Vieira; o dr. Arthur Cintra; o almirante Souza e Silva; o commandante Eugenio Rocha; o industrial Augusto Moniz.

NOIVADOS

— a senhorinha Odette de Almeida Brandão e o sr. Haroldo Antunes P. Pinto;

— a senhorinha Odette de Freitas Tinoco e o sr. Toddy M. Reis;

— a senhorinha Christalina Xavier e o dr. Henrique Segadas Vianna.

— senhorinha Odaisa Pontes e o sr. José M. C. Lima.

CASAMENTOS

— a senhorinha Gisella Costa Macedo e o dr. Oswaldo Cruz Rangel;

— a senhorinha Irene Teixeira Dias e o dr. Sady Cardoso de Gusmão;

— a senhorinha Alayde Martins de Mello e o tenente Milton C. Nogueira;

— a senhorinha Eunice de Andrade Costa e o dr. Paulo Bandeira de Mello;

— a senhorinha Iracema Lopes e o dr. Julio Vieira;

— a senhorinha Yerecê Rossi Bastos e o sr. José Herman Hungerbuhler;

— a senhorinha Nair Muniz de Albuquerque e o 1.º tenente do Exercito João Muniz da Gama e Souza.

VERANISTAS

Para Vassouras — o dr. Theopombo de Abreu e senhora; a viuva Castorina Maia; o dr. Heitor Faria e senhora.

❁

Para Friburgo — o almirante Ferreira da Silva e o dr. Helio Veiga.

Para Lambary — o dr. Elpidio Uchôa e senhora; o doutorando Elso Uchôa; a viuva Fernandes Otero; o sr. Sylvio Dionisio de Britto; a senhora Dionysio de Britto; o coronel Oscar Burlamaqui e familia; o sr Vicente Girão e familia; os drs. Leonel Franca, Jordão de Gouvêa a senhora Orlando Freitas e filha.

❁

Para Petropolis — o casal Octavio de Andrade Queiroz; o dr. Eugenio Ferreira da Cunha e familia.

❁

Para Cambuquira — a senhorinha Olga de Souza Carvalho.

❁

Para Theresopolis — o dr. Francisco Sá, ex-ministro da Viação.

❁

De S. Lourenço — o dr. A. R. Sharp.

OS QUE VIAJAM

Seguiu para a Europa o dr. Arnaldo Guinle, figura de grande relevo no nosso alto mundo financeiro e no nosso mundo social.

❁

Pelo *Rio de Janeiro Marú* seguio para os Estados Unidos o sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha junto ao governo brasileiro.

UMA LINDA FESTA NO RETIRO DOS ARTISTAS, EM JACARÉPAGUA'

Elisa Coelho e Hekel Tavares alegraram por algumas horas os velhos artistas do Retiro de Jacarepaguá, em dia da semana passada.

Foi uma festa verdadeiramente encantadora em que predominou a alegria, tendo Elisa Coelho cantado um programma interessantissimo, que agradou immenso áquelles velhinhos que ali se encontram, fóra do bulicio da cidade, esquecidos pelos que já lhes bateram palmas e lhes atiraram flôres.

A brilhante cantora patricia Julietta Azevedo que, após haver dado em S. Paulo um formoso recital, em beneficio das victimas da Revolução, se fará ouvir em breve no Rio de Janeiro.

HORAS DE ARTE

Realizou-se, no recinto da exposição Levino Fanzeres, no Palace Hotel, o recital de musica e declamação organizado pelo sr. Zacharias Rego Monteiro e no qual tomaram parte distinctos artistas, entre outros o sr. Renato Murce, principe dos cantores regionaes brasileiros.

❁

Dentro de poucos dias realizar-se-ha no salão do Club Nacional o concerto de piano que a senhorinha Honorina Silva vae dedicar á imprensa carioca.

A talentosa *virtuose*, que é um nome conhecido nesta capital, já se tendo exhibido nos principaes salões de nossa sociedade, foi ha pouco laureada com o 1.º premio do Instituto Nacional de Musica.

❁

Mais uma notavel festa de arte foi a que se realizou, sexta-feira transacta, por occasião do encerramento da exposição de quadros de Oswaldo Teixeira na Associação dos Artistas Brasileiros.

Tomaram parte nessa magnifica vesperal Lucia Lobo, Stefana de Macedo, Maria Sabina de Albuquerque, que deliciaram a fina assistencia que enchia o salão da Associação, e Chermont de Brito, que leu uma expressiva pagina sobre a arte interessante de Oswaldo Teixeira.

Em summa, uma reunião brilhantissima e que deixou em todos uma gratissima recordação.

CARNAVAL

Sabbado passado, o Praia Club deu, em sua séde, um animado baile.

Houve uma farta distribuição de premios ás fantasias mais ricas.

— A' noite houve, promovida pelo mesmo Club, uma batalha de confetti, que esteve concorrida pelo melhor elemento do bairro de Copacabana.

— O Hotel Suisso offereceu um sumptuoso baile á fantasia aos seus hospedes, o qual além de ter tido a mais fina das concorrencias teve ainda o melhor dos exitos.

— Outro baile digno de registro foi o do Club Central de Nictheroy, onde nada faltou para o seu deslumbramento. Luxo, arte, distincção, elegancia, optima musica, tudo para a mais esplendida das noites carnavalescas.

PELAS SERRAS

Continuam animadissimos os dias nas lindas cidades serranas. Todos elles cheios de alegria. Tudo é motivo para mais uma reunião.

E' um concerto, é uma festa em favôr dos pobres, é uma kermesse para as obras de uma igreja, é um pic-nic, é uma partida de *foot-ball* em pról de uma escola; emfim, são tantas cousas agradaveis que faz invejar os felizes que lá estão, a gozar todos esses dias encantadores.

Petropolis, a mais pittoresca das serras, vive os seus dias de mais intenso enthusiasmo. Para estes poucos dias já se realizaram e estão annunciadas as seguintes festas:

A semana passada nos elegantes salões do Tennis e Touring Club o brilhante baile em beneficio das obras do Recolhimento de Desvalidos.

A commissão organizadora se compunha destes distinctos nomes:

Senhoras Antonio Benitez, Americo Guimarães, Alfredo de Siqueira, Adolpho Menne, Alfredo Guimarães, Americo Ludolf, Alberto Mayall, Alberto de Faria Filho, Antonio Noronha, Linneu de Paula Machado, Oscar Weinschenk, José Carlos de Figuereido, Carlos Guinle, Condessa de S. Mamede, Carl Sylvester, Baroneza de Saavedra, Bernardino de Almeida, Ary de Almeida e Silva, Aurelio Telles, Gervasio Seabra, Tigre de Oliveira, Haroldo Leitão da Cunha, Pedro de Mello, Waldemar Schiller, Christiano Maya, Canabarro Reicholt, Durval de Souza, Eduardo Ramos, Ernesto Fontes, Edmundo de Carvalho, Francisco da Rocha Lima, João Wright, José V. de Andrade, Joaquim Salgado Filho, Luiz Pereira e José L. Mascarenhas.

— Sabbado passado o Capitolio encheu-se de um mundo de gente fina e formosa para assistir á linda "Festa do Verão" que teve o patrocinio do casal Lindolfo Collor. Com o concurso de Nené Barouquel, Neuza Moura Ferreira, Zacharias Rêgo Monteiro e Nelson Cintra e com os melhores applausos terminou a bella festa.

— Terça-feira ultima, o recital de violão da poetiza paranaense Ada Mocaggi que cantou e encantou um auditorio selectissimo.

Além das festas de arte, que têm sido em numero consideravel, juntam-se-lhes as festas carnavalescas que têm sido requintadas de luxo e elegancia.

O Grande Hotel organisou para homenagear Momo tres grandes bailes. O primeiro realizou-se quinta-feira passada, transcorreu lindamente e intitulou-se *Redoute Blanche*. O segundo ante-hontem, que foi um deslumbramento *rouge et noir*. O terceiro está fixado para a proxima segunda-feira, á fantasia, promettendo ser dos tres o mais bello. Será? Esperemos. Assim diz o adagio: "o melhor da festa é esperar por ella".

E assim vive-se deliciosamente nas serras.

O Fluminense F. C., o prestigioso e aristocratico *cercle* carioca, não poderia deixar de render o tributo da sua homenagem a Momo. As suas festas são sempre encantadoras, e o banho á fantasia que realizou na sua ampla piscina foi mais um triumpho para o Fluminense. Dessa manhã consagrada ao Carnaval damos o lindo grupo de creanças que aqui se vê.

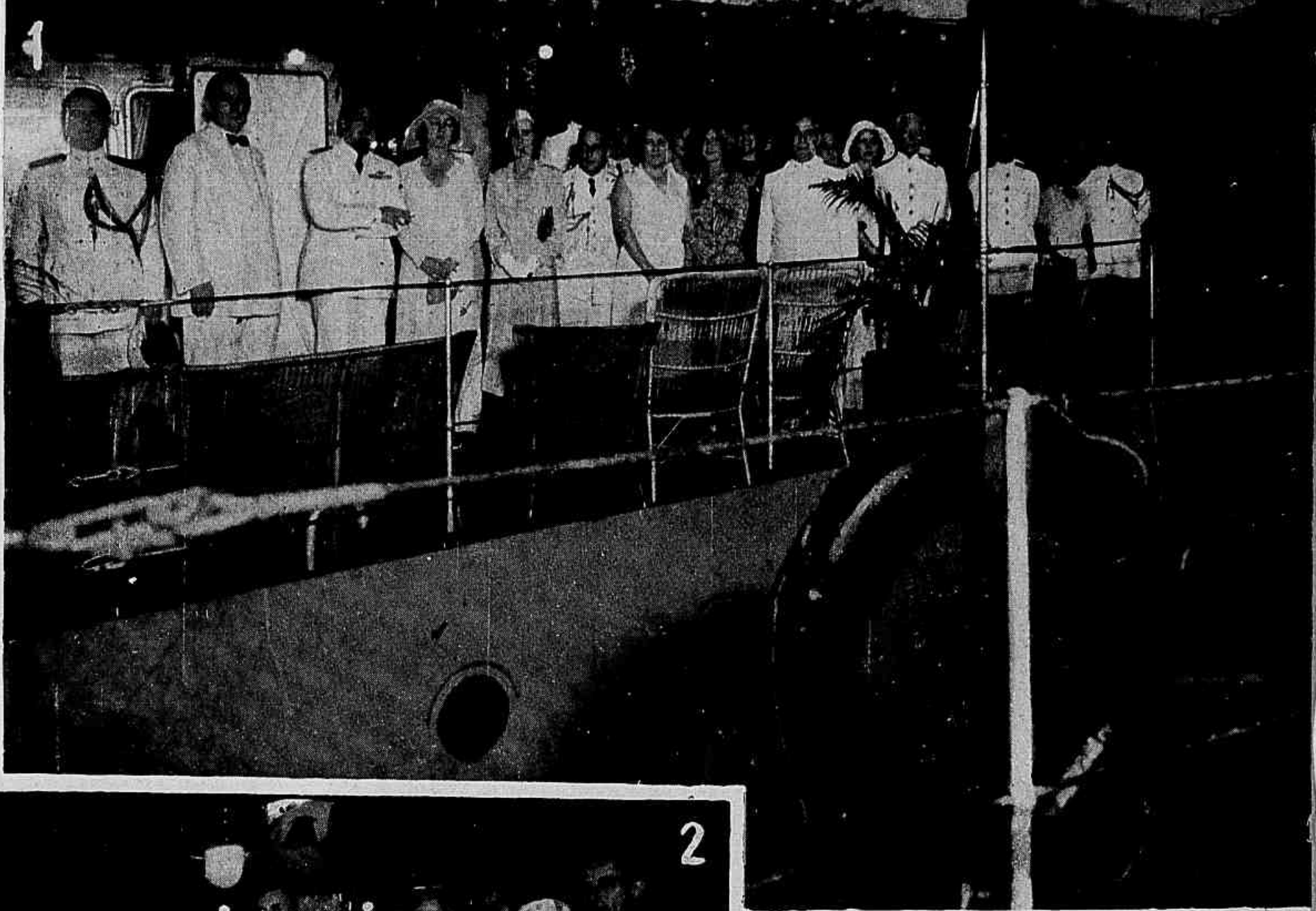
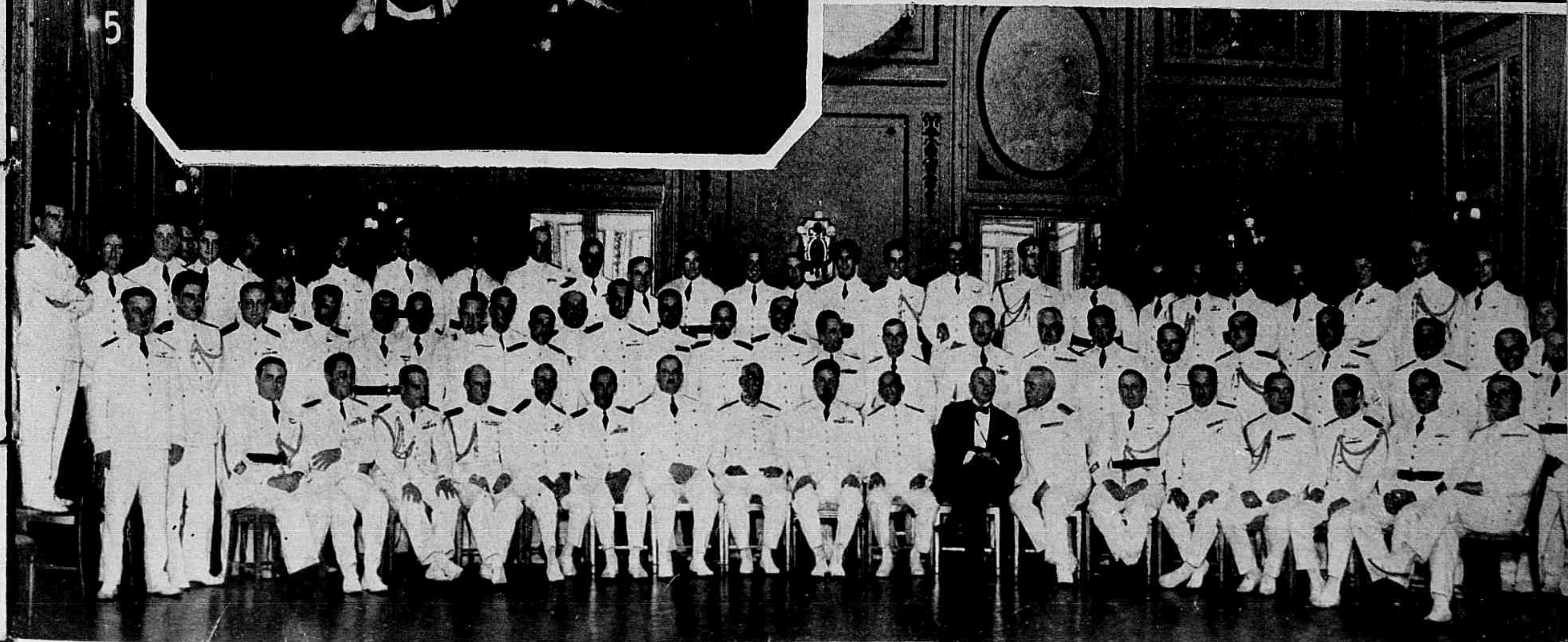
Uma visão cyclopica do Rio deslumbrante

SOMENTE dos ares — como se se cavalgasse um sonho alado — é possivel ter-se, em conjuncto, a visão cyclopica do Rio deslumbrante! Dos ares, onde pairam os condôres e onde refulgem os raios do sol. E' um tumulto vibrante de edificios e praças, de avenidas e jardins verdejantes, de praias brancas e de enseadas azúes, a morder, em uma orgia de sons, de luzes, de chispas, de vapôres, de ansias, as aguas espelhantes da bahia... Ha maravilhas de contrastes. Ha perspectivas surprehendentes. Ha rasgos da ousadía fantástica do homem dos tropicos, no afan de aproveitar todas as maravilhas de uma natureza cujo menor valôr é ser maravilhosa! A nossa photographia, de um ineditismo que nos orgulha, exhibe o Rio — sonho, o Rio — colmeia, o Rio — deslumbramento, em um quadrilatero cujos diagonaes vão da ponte da E. F. Central, na estação de Lauro Muller, ao aterro do Calabouço, e das dócas do Caes do Porto á avenida Paulo de Frontin. Bordando a margem central da metropole, a bahia da Guanabara põe uma nota de suavidade e de poesia na vertigem architectonica da perspectiva. Lá estão a ilha das Cobras, a ilha Fiscal, quasi entre os braços da cidade gigantesca, e, ao fundo. depois do lençol azul das aguas, a ondulação das serras fluminenses, emmoldurando a miniatura sorridente de Nictheroy. E' o coração da cidade, a Guanabara. Deu-lhe o primeiro sangue de sua nutrição, quando se povoaram as enseadas e as restingas, quatro seculos atrás, e dá-lhe, ainda, os éstos de sentimentalismo, a auréola de sonho que anima suas praias, que povôa suas ilhas, que reflecte suas montanhas verdes, que lhe dá o beijo da brisa oceanica... A cidade o sente. A cidade o comprehende... Tanto que, orientado no mesmo sentido do leito da grande via ferrea officiai, que serpeia á esquerda da gravura, maculando de fumo e de civilização o peito aberto da metropole, ha no centro um grande sulco liquido, aberto entre aleas de palmeiras empenachadas, dormindo entre as fitas do asphalto e sob as presilhas das pontes... Tem a direcção invariavel do mar. Foi, outróra, um dédalo de poços, de lagôas, de estreitos, como um derrame de sangue sob a pelle do terreno falso. Hoje é uma arteria que procura, no caminho indicado por sua topographia, o desaguadouro natural do occeano. E' o canal do Mangue. Lá está, com a marcha detida, subito, pelos quarteirões centraes, pela massa esverdeada da Praça da Republica e pela imponente nave da Candelaria. Como a pedir que lhe abram o espaço necessario para alcançar a bahia e desenhar, elle só, a alameda mais carioca de todas as que o Rio poderá ter: porque seria a alameda da Guanabara que havia de collocar, pelas perspectivas, aberta a bahia esplendente dentro da cidade-esplendor!

O baile á fantasia no C. R. Boqueirão do Passeio

A matinée infantil no Country-Club

O conhecido Gremio Social de Ipanema fez realizar, sabbado passado, a *matinée* infantil com que a petizada recebeu a desejada visita de Momo. Entre a garrulice dos garotos e a alegria das fantasias exhibidas, animou-se o *ground* e floriram os salões da fina sociedade ingleza.

As asas e as náus da Italia na florescencia da gratidão

O almirante Bucci, commandante da esquadra italiana que nos visitou, retribuiu as homenagens que foram prestadas á officialidade das oito naus do Reino do Adriatico pela nossa Marinha e alta sociedade, offerecendo uma linda recepção a bordo da sua capitanea. As gravuras de ns. 1, 2 e 4 mostram-nos tres aspectos dessa formosa e elegante recepção. O general Balbo, ministro da Aeronautica da Italia e chefe da esquadra de onze aviões que nos visitaram, tambem retribuiu as homenagens que lhe foram prestadas, offerecendo um banquete aos aviadores brasileiros. As gravuras de ns. 3 e 5 mostram um aspecto da mesa e o grupo das pessôas que tomaram parte no banquete.

O Carnaval no Praia-Club

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A estatua da Amizade

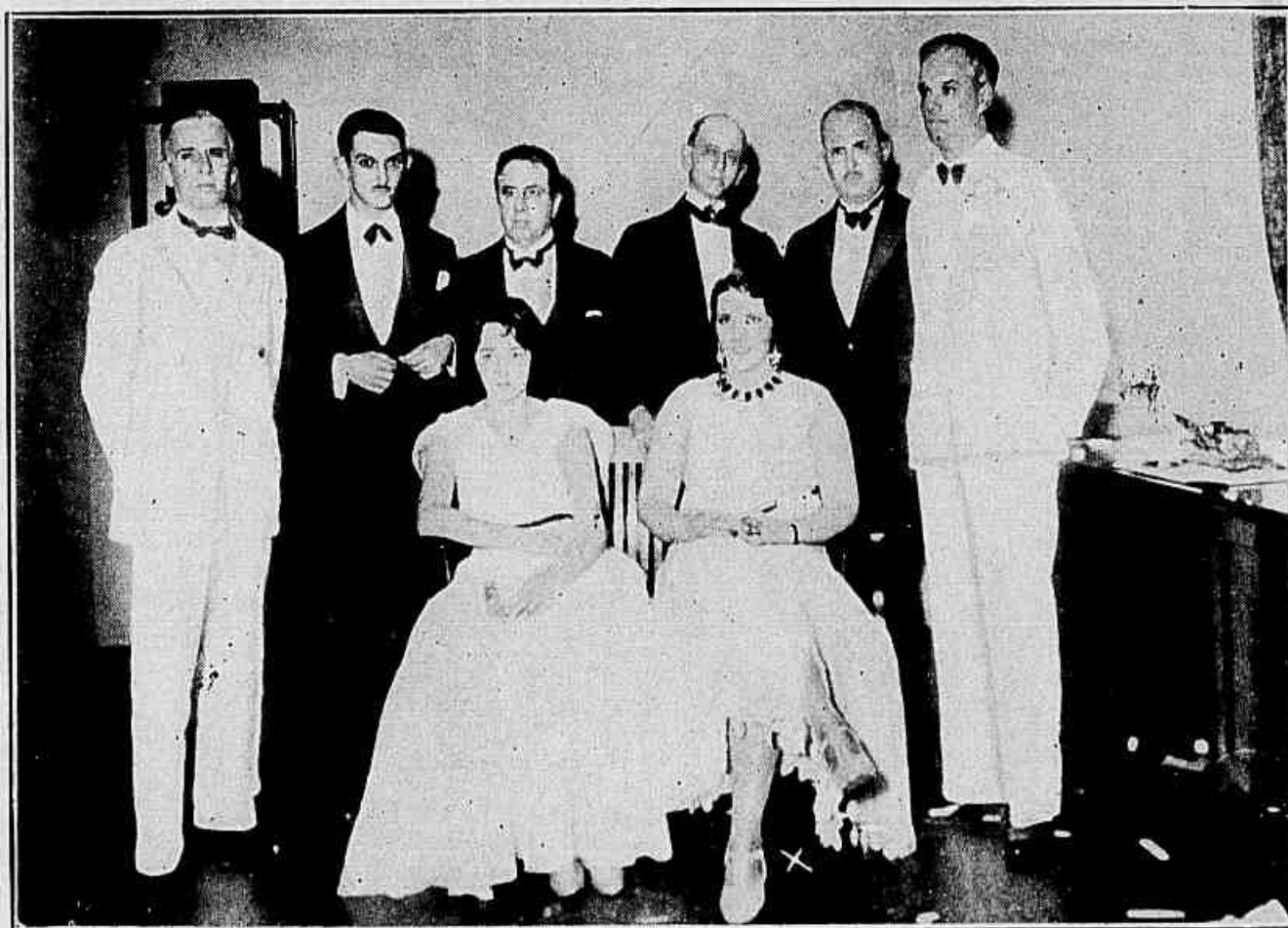
Adormecida ha mais de oito annos num armazem da Alfandega, mergulhada em somno mais pesado talvez que o da bella adormecida no bosque, vae, afinal, despertar a estatua da Amizade.

Poucos, bem poucos se recordariam della, que foi tão gentilmente offerecida ao Brasil pelos Estados-Unidos, commemorando o centenario da nossa independencia politica e valendo por um symbolo da cordialidade inquebrantavel em que sempre viveram a nossa patria e a grande Republica do Norte do Continente.

A cidade irá dever esse favor ao sr. Adolpho Bergamini, interventor federal, que comprehendeu a pouca cortezia da nossa gente e vae desfazel-a, com a collocação da Amizade numa das nossas praças.

Bem haja pela sua resolução, que representa um gesto de carinho em prol da belleza da cidade e um movimento louvavel de polidez, dando o devido apreço áquillo que nos foi tão obsequiosamente offertado e até agora tão incomprehensivelmente posto de lado.

A reforma da Policia do Districto Federal

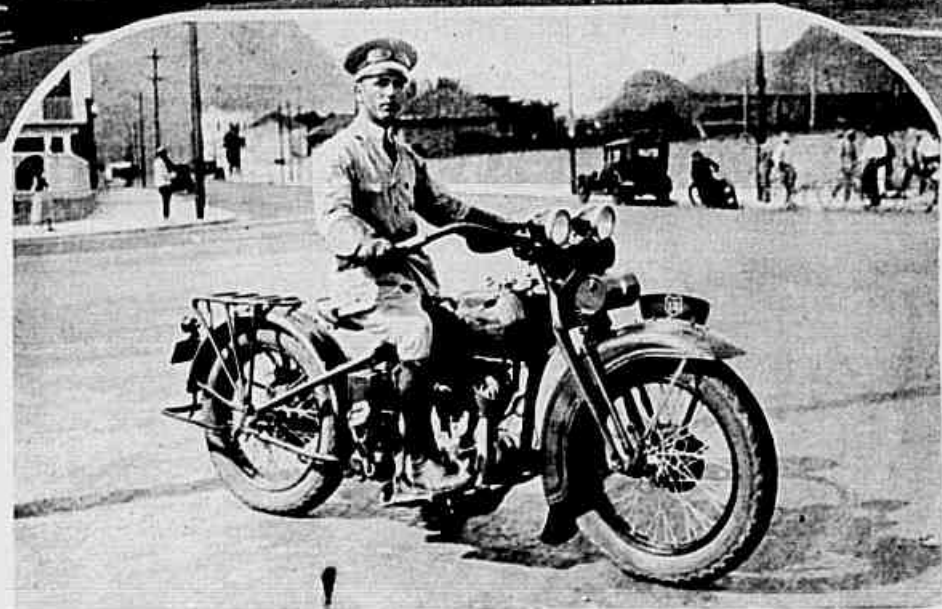
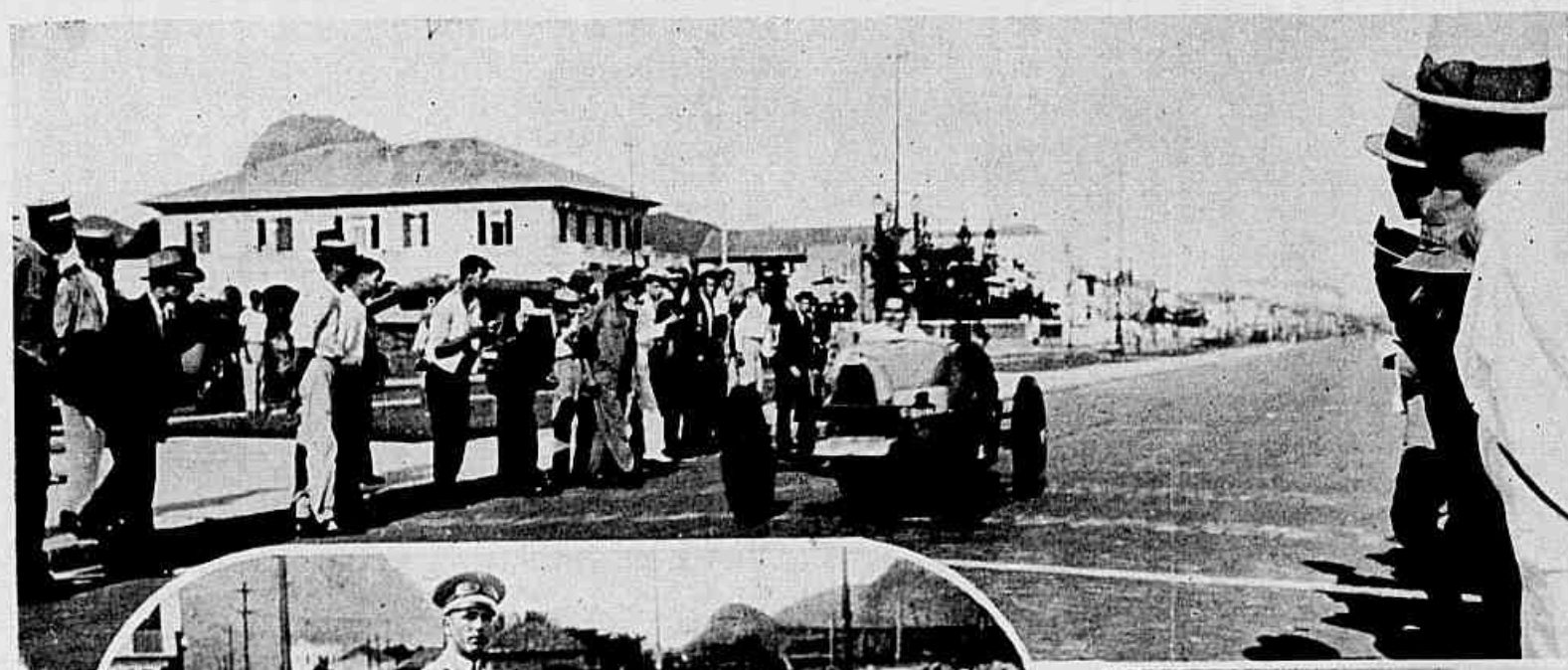
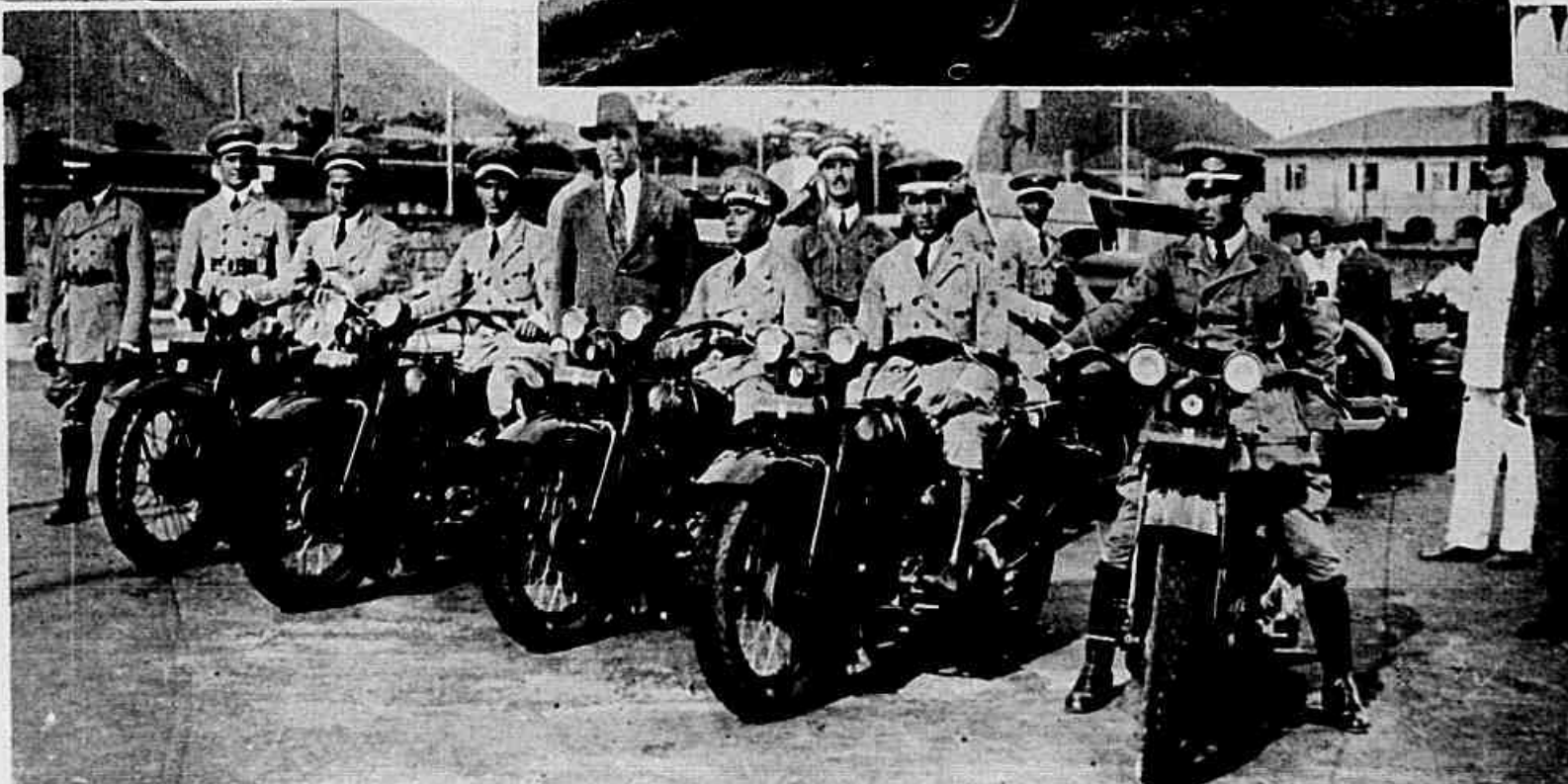
O dr. Baptista Lusardo, chefe de Policia, entre os technicos e jornalistas que se reuniram no domingo, para exame do amplo projecto de reforma da Policia. Deu o dr. Baptista Lusardo o praso de tres mezes para que sejam apresentados o parecer e as suggestões dos technicos convidados a collaborar na instituição da Prefeitura de Policia, departamento autonomo e especializado.

A commissão organizadora do baile do Praia das Fléxas Club, de Nictheroy, vendo-se assignalada a Rainha eleita para as festas do Carnaval a realizarem-se no Club Central, senhorinha Elza Roussouliéres.

Navarro da Costa

A Arte acaba de perder, com o inesperado desapparecimento de Navarro da Costa, uma das mais impressionantes figuras de pintor que o Brasil contava. Artista de nome mundial, Navarro da Costa, que soube dar ás suas telas esplendidas a mais radiosa vida, foi, sem duvida, um dos mais pujantes marinhistas que conhecemos.

Mario Navarro da Costa nasceu no Rio de Janeiro a 25 de setembro de 1883 e iniciou a sua vida como funccionario do Ministerio da Viação. Revelando apreciavel talento de pintor, foi enviado pela primeira vez ao Velho Mundo pelo ministro Lauro Muller, começando os seus estudos em Napoles, em 1914, orientado pelos grandes mestres da pintura italiana. Entrando para a carreira

O laureado pintor Navarro da Costa (Photographia feita por occasião de sua conferencia sobre "A arte em Portugal").

diplomatica, foi chanceller em Montevidéo; depois dirigiu o consulado do Brasil em Paris, de onde seguiu para Munich, na mesma missão, tendo nessa opportunidade sido o unico pintor americano que logrou concorrer ao celebrado certamen das artes plasticas, naquella cidade, sendo premiado com o seu quadro "Sol

A QUINZENA DO ALCOOL-MOTOR

O emprego do alcool-motor interessa profundamente a todos os brasileiros no momento actual. A quinzena consagrada á demonstração de sua efficiencia como combustivel foi fertil em demonstrações positivas e animadoras. Damos em nossos clichés alguns aspectos dessas demonstrações. Em cima: á esquerda a barata Bugatti, de S. Paulo, que cobriu o kilometro lançado em 29 segundos e o kilometro parado em 41 segundos, em sua derradeira prova: á direita o auto vencedor da prova para carros Ford. Em baixo: á esquerda o vencedor da prova da Inspectoria de Vehiculos, que cobriu o kilometro lançado em 33 segundos e e o parado em 38 2|5: á direita os concorrentes á prova, alinhados para a sahida.

Um novo Blóco carnavalesco

O baile inaugural do grupo "Vae Haver o Diabo".

AOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

Grupo feito por occasião do jantar offerecido aos combatentes francezes da Grande Guerra no Club Nacional. Vê-se ao centro do grupo o sr. Conde Dejean, embaixador da França.

de Veneza". De Munich foi removido para Livorno, na Italia, e depois para Lisbôa, de onde, chamado pelo ex-ministro Mangabeira, veiu ao Rio executar a grande tela representando a chegada a esta capital do presidente Hoover, tela que foi offerecida ao governo norte-americano. Destinando-se a Bruxellas, deixara o Rio em outubro proximo passado, quando recebeu a determinação de tornar a Lisboa.

De passagem por Genova veiu a fallecer.

Escola Normal de Nictheroy

Grupo tirado após a sessão solenne em homenagem ao dr. Armando Gonçalves, director da Escola Normal de Nictheroy — que se vê assignalado —, promovida pela Academia Livre de Lettras, da capital do Estado vizinho.

Uma lei necessaria

E' possivel que ainda esteja em vigor uma lei municipal que comminava a pena de multa ao que cuspisse sobre qualquer parte dos bondes. Entretanto, não se póde affirmar, porque se jamais a lei foi respeitada, quando se promulgou, muito menos agora, que já passou á Historia...

A Saude Publica deveria solicitar, todavia, da Prefeitura o cumprimento de tão sabia postura, que tão de perto interessa á hygiene do povo; mas preciso seria tambem que a referida lei se modificasse, explicando quaes as pessôas que pódem impôr e cobrar as multas. Essa omissão constituiu sempre um factor preponderante de desrespeito, porque os mal-educados e os inconscientes — que, desgraçadamente, são em grande numero — sempre affectaram zombar dos cartazes de aviso que se viam pregados nos bondes, porque se achavam com o direito de perguntar pela autoridade que imporia as multas.

Se se revigorasse a lei, que é indispensavel, bem poderia ella attribuir a qualquer passageiro dos bondes o direito de multar os infractores. Mas quem é que passará recibo das multas?

As campanhas saneadoras da Policia

O sr. Baptista Lusardo, chefe de Policia, ladeado pelos delegados auxiliares e rodeado de delegados de todos os districtos da capital para trocar idéas a proposito de varias medidas de ordem policial, contra o jogo, o communismo e o commercio de toxicos.

Uma victoriosa das lettras

A gentil senhorinha Maura de Senna Pereira, a "Princeza das Lettras Catharinenses" na noite do seu recital de poemas em prosa, enthusiasticamente applaudida por selecto auditorio.

SCENA BANAL

(*Num boudoir elegante. Ella reclinada num divan côr de rosa. Elle de pé*).

— Você nunca me quiz bem!

— Não diga isso!

— Se você me quizesse, não se negaria a dar-me esse retrato...

— Mas isso é um absurdo! Como quer você que eu me desfaça de um retrato que me foi dado por quem me quer tanto, e ainda tanto representa na minha vida?

— Ahi está aonde você não é sincera e torna-se paradoxal. Você não me disse que hoje me queria mais do que a elle? E eu comprehendi isso. Mas não comprehendo como você poude alliar esses dois sentimentos.

— Ha sempre no coração um sentimento mais forte do que outro. E nós não temos culpa disso, sabe? E' uma traição que fazemos sem querer. A gente ás vezes pensa que será sempre fiel a um só affecto e depois... outro apparece que sobrepuja o primeiro.

— Por isso eu acreditei em você. Mas, se você fosse sincera quando me disse que me queria mais que a elle, embora me tivesse conhecido depois, não se negaria a essa pequenina prova.

— O retrato não dou!

— Então, permitta que lhe diga: — Eu só fui um capricho na sua vida!

— Não é tal.

— Não negue! Você é uma estatua de gelo com vibrações sensuaes! Achou-me interessante, porque eu sabia dizer essas phrases romanticas que affagavam a sua vaidade. Hoje, que você se cansou dellas, volta inteiramente á sua antiga paixão, á qual você não soube ser completamente fiel. Mas como pódem creaturas como você guardar fidelidade a alguem? O seu coração precisa de emoções novas. Até aqui, fui eu. Amanhã, será outra pessôa. Você realmente não quer bem a ninguem. Teme somente um rompimento com quem assumiu responsabilidades ás quaes não póde fugir. Eis tudo.

(*Pausa*).

— E você não me dá esse retrato?

— Nunca! Já disse!

— E se disso dependesse a minha vida?

— Embora...

— E não terá remorsos?

— Não!

(*Pausa*).

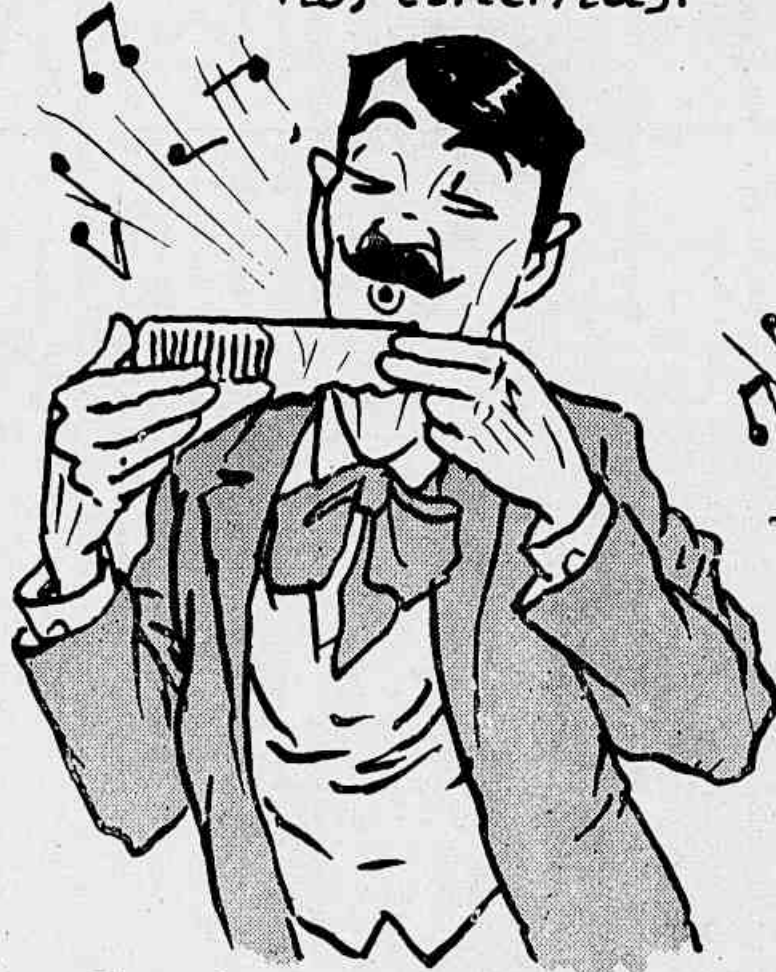
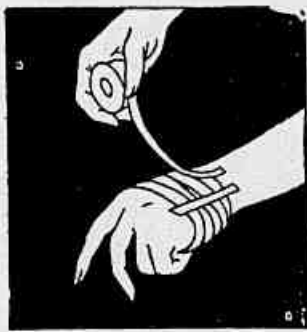
(*Elle, depois:*)

— Então fique-se com esse — *não*. Contra a sua couraça de insensibilidade, só a arma do meu desprezo. Guarde esse retrato. Você, nem que queira, nunca se esquecerá de que atraiçoou quem lh'o deu. Você me pertenceu. E isso ninguem apaga... Quanto ao resto, eu já me esqueci... Adeus!

(*Elle sae. Ella levanta-se e fica trauteando uma melodia qualquer*).

São Paulo.

ROSA GUIMARÃES

Momices velhas
O urucungo rectangular.
Era a alma dos "cordões."
A "puita"
Tetravô do jazz.
O porta-voz.
Hoje somente usado
nos cinemas.
Musicata de prato e faca.
Bateria grossa
de entrudo.
Gaita de pente
com papel fino
Fifia de
garrafa
Você me conhece?
O amigo urso. (Não é mais fantasia)
Rompe e rasga!
O chavão!
RAUL

VESTIDOS SINGELOS

N.1- N.2- N.3- N.4- N.5-

1 — Vestido de voile vermelho com desenhos *beige* claro; as tiras da golla, cavas e cinto de voile *beige* claro. 2 — Vestido de tricoline listada, cinto e gravata de seda vermelha. 3 — Vestido de shantung rosa, guarnecido com pontos abertos. 4 — Vestido de voile de fantasia de tons vivos, babados en-forme na saia e golla de voile com listas bordadas e babadinho franzido. 5 — Vestido de linon de fantasia; plastron e punhos de linon branco com preguinhas e babadinhos plissados.

VARIEDADES

As ultimas eleições allemãs não deram lugar sómente a grandes torneios oratorios. A presença das mulheres entre os votantes — e tambem entre os candidatos — provocou muitas vezes discussões azedas e até comicas. Como exemplo: Uma eleitora tendo gritado a um candidato:

— Se fosse sua esposa, dava-lhe veneno.

Respondeu-lhe elle, depois de a ter examinado alguns segundos:

— Se fosse seu marido, eu tomava-o.

❁

O celebre orientalista Vambéry foi recebido um dia pelo sultão Abdul-Hamid. Versou a conversa a principio sobre assumptos os mais diversos. No fundo da sala, em pé e encostado á porta, um ministro do sultão, Said-pachá, assistia á audiencia, as mãos cruzadas sobre o ventre, curvada a espinha em posição de profunda humildade... ou de amolação.

Com effeito, encontrava-se bastante afastado do monarca e do seu interlocutor para que pudesse ouvir o que dizia.

A conversa tinha cahido sobre a questão da politica interior. Vambéry falou a respeito das reformas recentemente realizadas e pensou lisonjear Abdul-Hamid fazendo o elogio dos seus ministros.

O sultão poz-se a rir:

— Esses, disse elle, são idiotas! Quer a prova?

E, como Vambéry protestava cortezmente, o soberano elevou a voz:

— Não é exacto? perguntou elle a Said-pachá.

— Sim, alteza! apressou-se em responder o ministro que nada tinha ouvido, mas acreditou assim agradar ao seu soberano.

Este, voltando-se para o seu hospede:

— O que lhe dizia! disse Abdul-Hamid triumphante. — E todos são como elle.

❁

Encontrando-se só com o pretendente da sua filha, o pae declara-lhe:

— Antes de conceder-lhe officialmente a mão de minha filha, desejava saber approximativamente o que conta como renda.

— Em tudo, responde o rapaz, um conto e quinhentos por mez.

— Muito bem! disse o pae. Com os dezoito contos que conto dar por anno a minha filha...

Mas o pretendente interrompe-o com estas palavras:

— Mas esses já entraram na minha conta.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ■ A VIDA NO LAR ■ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ■ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

ULTIMOS MODELOS

N 1- N.2- N.3- N 4 N.5-

1 — Vestido de crêpe da China de fantasia. Os panneaux da saia formam godets. Golla-revers, graciosamente amarrada na frente. 2 — Vestido de toile de seda citron, pala com bicos na saia. Golla de lingerie bordada. 3 — Vestido de voile de fantasia, verde com desenhos brancos. Plastron de voile branco. 4 — Toilette de crêpe Georgette *beige* claro com desenhos marrons. Panneaux da saia franzidos e golla de crêpe Georgette *beige*, terminada por um babadinho plissado. 5 — Vestido de crêpe Georgette verde Nilo. A golla-revers e as mangas guarnecidas com babados plissados.

A MODA

GOLLAS E PUNHOS BRANCOS: COMO CONSERVAL-OS LIMPOS

O fustão, o crêpe Georgette, o crêpe de Chine e o organdi disputam-se a gloria de alegrar os nossos vestidos.

De facto, nada é mais alegre, mais fresco e dá melhor aspecto de limpeza do que um dedo de tecido branco ou de tom claro sublinhando o decote e os punhos d'um vestido.

O mais modesto vestido fica enfeitado e tem um aspecto mais distincto. Mas essa elegancia tem suas complicações, sobretudo quando occupações regulares nos obrigam a sahir todos os dias.

Nada de guarnições fixas, incrustadas nos vestidos, necessitando por esta razão de irem para o tintureiro todas as vezes que precisarem ser limpas. Mas, pelo contrario, gollas e punhos moveis, que um simples alinhavo mantem no lugar ou que colchetes de pressão fixam na golla e nas mangas.

As nossas antepassadas apreciavam muito gollas e guimpes de lingerie guarnecidas com preciosas valenciennes, e sabiam tambem que nada protege mais os corpinhos dos vestidos que esses plastrons de musselina fixados na cintura por um cadarço, ou abotoados na frente como um collete, ou cruzados como um fichú.

Guimpe ou golla e punhos, rabat formando fichú ou simples bavolet retido por uma patte de tecido, todas essas guarnições devem ser duplas, a limpeza d'uma effectuando-se emquanto se usa a outra, evitando-se ter de limpar apressadamente essas guarnições.

O fustão vae melhor nos rostos juvenis, mas póde tambem ser usado pelas pessôas de mais idade: tem a vantagem de limpar-se mais facilmente e tem muito mais duração. Dura mais tempo limpo tendo-se o cuidado de pôr um pouquinho de gomma. Existem actualmente fustões finos que se pregueam, recortam-se em petalas e prestam-se para mil fantasias.

Os plissados muito finos, que não se podem passar a ferro em casa, devem ser evitados por não serem praticos. As gollas e punhos recortados em bicos ou terminados por viezes do mesmo tom ou de côr agradam sempre e são lavados com muita facilidade.

Os crêpes Georgette e de Chine, assim como as rendas, tulles e organdis, lavam-se muito bem. Não se deve deixar ficarem sujos os punhos e gollas; logo que ficam enxovalhados lavam-se, e em seguida são mettidos dentro d'uma toalha e depois passados a ferro.

Quando o crêpe de Chine depois d'algumas lavagens fica muito molle põe-se um pouco de gomma, na seguinte proporção. Dissolve-se 10 grs. de gomma arabica branca em litro e meio d'agua; põe-se primeiro a gomma arabica para inchar dentro d'uma tigella com agua; quando tiver amollecido, junta-se pouco a pouco o resto da agua morna, mexe-se bem, e põe-se a vasilha sobre o fogo mexendo bem para que não queime.

Quando a dissolução está completa, filtra-se e emprega-se fria, para não descolorir o tecido; passa-se humido. O organdi e o tulle são mergulhados na gomma cozida; são passados humidos, com ferro muito quente e bem limpo.

Conselhos sociaes

"NÃO TENHO TEMPO"

Quantas vezes por dia não ouvimos em volta de nós esta expressão desanimadora: "não tenho tempo"!

Dizer que não se tem tempo é limitar ao mesmo tempo toda possibilidade, de estender seu raio de actividade e, si se trabalha, de acceitar um novo trabalho de augmentar por este meio seus lucros. Sente-se quanto a pessôa que deixa escapar essa exclamação desanimada deve sentir-se cansada, estafada com a tarefa quotidiana.

Terá ella mesmo tanto que fazer, ou organiza mal os seus afazeres? Será ella simplesmente a victima da multiplicidade das obrigações diarias que cria a existencia mundana, e que absorvem, com as suas puerilidades, uma grande parte do nosso tempo?

Muitas vezes não se tem methodo; tendo muitas coi-

Vestuario de dansarina da Indo-China, de setim branco muito brilhante, a *echarpe* forrada de setim violeta. A guarnição da cabeça prata e roxa, coberta com *tulle* de prata.

sas importantes a fazer no decorrer d'uma tarde, gasta-se tempo de mais com uma só dessas coisas, não ficando em seguida o tempo necessario para cuidar nas outras.

Ha pessôas muito conscienciosas, que trabalham lentamente ou complicam o trabalho, por não terem o espirito bastante lucido e vivo. Ha muitas que são meticulosas de mais.

Outras, pelo contrario, trabalham rapidamente achando tempo para descansar e divertir-se.

Quantas se levantam cedo privando-se de horas de somno para encompridarem seus dias, não tendo no emtanto tempo para nada!

Outras têm tanta ordem, pontualidade e engenhosidade que, apezar de sobrecarregadas de trabalhos, nada deixam para o dia seguinte; não deixam accumular o atrazado que difficilmente poriam em dia mais tarde.

Mas isso não depende sómente de uma questão de methodo, depende tambem das faculdades de cada pessôa. Ha uma producção intellectual que não póde ser executada n'um tempo determinado por pessôas de egual competencia: umas, apezar de toda bôa vontade, são vagarosas e outras activas.

Por exemplo, duas secretárias tendo de verificar o mesmo correio e de responder a um egual numero de cartas. Para uma será questão d'uma hora apenas, emquanto que a segunda, egualmente intelligente, podendo mesmo ser mais culta, não seria capaz de escrever d'um só jacto a resposta d'uma carta de negocios.

E' precisa muita calma no trabalho, porque a ideia de que se deve andar depressa, esse sentimento de precipitação constante, essa ausencia de momentos de repouso, essa tensão perpetua trazem com o tempo um cansaço cerebral cujas consequencias podem ser graves. Mas tudo que se tira para o descanso, no decorrer d'um dia cujo programma é muito carregado, paga-se por movimentos mais precipitados, por uma fadiga mental, terrivelmente deprimente, que não póde ser supportada impunemente durante muito tempo.

Muitas d'entre nós mulheres estão mettidas n'uma engrenagem, pelo ardente desejo de viver e ganhar sua vida. Ganhar sua vida não é viver, para muitas das mulheres de hoje que não trabalham por gosto, mas só para adquirir com que satisfazer seus gostos. Não se lembram que, gastando-se com um trabalho excessivo e divertindo-se na hora do descanso, depressa a constituição mais robusta baqueia. E' preciso estabelecer, tanto quanto possivel, um equilibrio entre o trabalho e os divertimentos. A sensatez diz-nos que não devemos ser muito ambiciosos, nem n'um sentido nem no outro.

Pensamentos

Ha cães e gatos que usurpam, não só caricias e beijos, mas o pão de muitas creanças.

R. KEHL.

Não se deve segurar o touro pelos chifres senão quando não se póde fazer de outra maneira.

MARECHAL BUGEAUD

MODA INFANTIL

1 — Vestido de linon bordado azul claro, guarnecido com babados en-forme. 2 — Vestidinho de crêpe-setim rosa plissado, terminado por babados franzidos de fita de setim do mesmo tom; o corpo é formado por um trançado d'essa mesma fita. 3 — Vestido de crêpe Georgette verde claro, guarnecido com pontos abertos nas tiras cruzadas e acima dos panneaux preguеados da saia. 4 — Vestido de crêpe Georgette vermelho; grupos de franzidos guarnecem a saia; golla-capa amarrada na frente.

"Acho que as minhas melhores roupas ganham em serem lavadas em casa"

Um pouco d'agua morna — Algumas laminas de Lux... E já uma espuma magnifica borbulha para renovar a belleza de qualquer peça do seu mimoso enxoval.

Esprema levemente o tecido contra a espuma leitosa de Lux, essa espuma tão agradavel ás suas mãos. V. S. mesmo sente, então, quanto Lux é innocuo aos seus vestidos e meias finas, ás suas combinações delicadas e ás suas roupas leves de verão.

E, além de tudo isso tão economico e tão facil de usar!

Lave com Lux as peças de seu vestuario e esteja certa de que lhe irão bem quando vestil-as.

"A farta espuma do LUX torna como novas as minhas roupas mais finas, mesmo depois de muitas lavagens. LUX poupa as roupas e economisa em lavanderia."

LUX
Para lavar sedas, e todas as roupas!

LUX
Para lavar sedas, lãs e todas as roupas finas

S. A. IRMÃOS LEVER - SÃO PAULO - BRASIL

Lx 17—0136 Bz

: : : Casamentos em diversos paizes : : :

1 — Casamento na Abyssinia. A noiva em caminho para a casa do seu futuro esposo. 2 — Casamento em gondola em Veneza... Flores... Deslisamento sobre as aguas calmas como um espelho... Cantos dos gondoleiros no alegre ambiente vibram...

NO paiz basco, tanto d'um lado dos Pyrineus como do outro, quer dizer na França como na Hespanha, a lingua é um dialecto que nada tem que ver com as linguas dos dois paizes. Assim como a lingua, os costumes não são os mesmos. Os rapazes são fortes e ageis como os gatos. As jovens silenciosas, os olhos negros, os labios finos e a vontade de aço.

A's seis horas da manhã o sino da igreja sôa o ding! dong! ding! dong!... Vae haver um casamento. A festivos sorrisos. As jovens vendo-se já com um bello signorino, *os velhos casaes lembram-se com saudades de inesquecivel dia, no decorrer do qual elles tambem vogaram no meio das flôres sobre as aguas do canal.*

Na Sardenha, como em geral a igreja é um pouco distante, os noivos vão a cavallo; mas isso não impede a noiva de pôr seu longo vestido branco, o competente véu e a grinalda, apezar de não usarem o selim de banda... de sala onde todos os convidados estão reunidos, e apresentam-lhe então uma bandeja, com os presentes, que consistem em vasos, recipientes, objectos de toilette de pouco valor, mas de côres vivas. Mas os principaes são os objectos que guarnecerão sua cozinha! Pobre noiva persa!...

A noiva em seguida tem que beijar o fogão. Isso com certeza para que fique bem convencida de que alli é o seu lugar. Dão-lhe o pão para partir, e sal. Em seguida recebe uma moeda de ouro. Tudo symbolos. Finalmente cobrem-na com um véu branco, collocam-na sobre um jumento ricamente ajaezado e, sem lagrimas nem risos, levam-na para a sua futura casa onde o esposo já installado a espera.

Muitos são os paizes nos quaes o annel symbolico, a alliança, não é usado. As indianas, quando se casam, pintam uma linha horizontal com vermelho vivo na testa e usam pulseiras d'um feitio especial. No Japão pintam os dentes de preto com um extracto que tiram da papoula.

As mulheres casadas de diversas tribus de Pelles Vermelhas assim que se casam usam um annel de chifre, no qual enfiam o

O vestuario no paiz basco, mesmo para os casamentos, é sombrio. O preto domina.

velha tradição assim o quer, deve se começar o dia pela felicidade. E, como não ha festa, consistindo tudo na ceremonia religiosa, os poucos convidados — nunca ha muitos, o camponez basco é pouco communicativo — poderão ainda ir trabalhar na sua terra, não tendo perdido uma parcella do precioso tempo.

A nextra (*pronuncia-se* nejka; *significa virgem na lingua basca*) *para essa ceremonia veste apenas um vestido novo, o eterno vestido preto com a touca branca. O* gisongaya (*o noivo*) *tambem de preto, com seu jaleco curto e a tradicional boina.*

Todos estão calçados com alpercatas, as curiosas alpercatas do paiz.

Que contraste faz com o lindo casamento em gondola de Veneza! De pé, na frente e atrás, os gondoleiros conduzem a embarcação com movimentos rythmicos. De mãos dadas, isolados moralmente no meio dos convidados, os jovens esposos olham, em silencio, o reflexo calmo das aguas no canal... Symbolo da sua felicidade futura?... Nenhuma ruga, nenhuma vaga...

Das gondolas que cruzam com a dos noivos partem alegres votos de felicidade e

Na Sardenha. Em caminho para a igreja.

Na Abyssinia, como o sol é bastante quente, a noiva, que vae buscar o noivo em sua casa, faz-se acompanhar de criados que se encarregam de cobril-a com um guarda-sol.

Na Persia, os festejos duram toda uma semana, mas só no ultimo dia é que se realiza a ceremonia do casamento.

Os parentes mais proximos conduzem então a noiva, vestida com o vestuario nupcial, para uma gran- cabello para fazer o coque.

As solteiras não têm direito de usar enfeites. As mulheres casadas têm direito a um amuletto. As mães usam dois.

Honra ás mães.

Pensamentos

Para que ter um amigo se é preciso chamal-o para que olhe, e tudo dizer-lhe para que comprehenda?

KIPLING.

Feliz daquelle que teve um ideal na vida e poude realizal-o, dedicando sua vida a uma bella ideia...

* *

O tempo passa, a agua corre e o coração esquece.

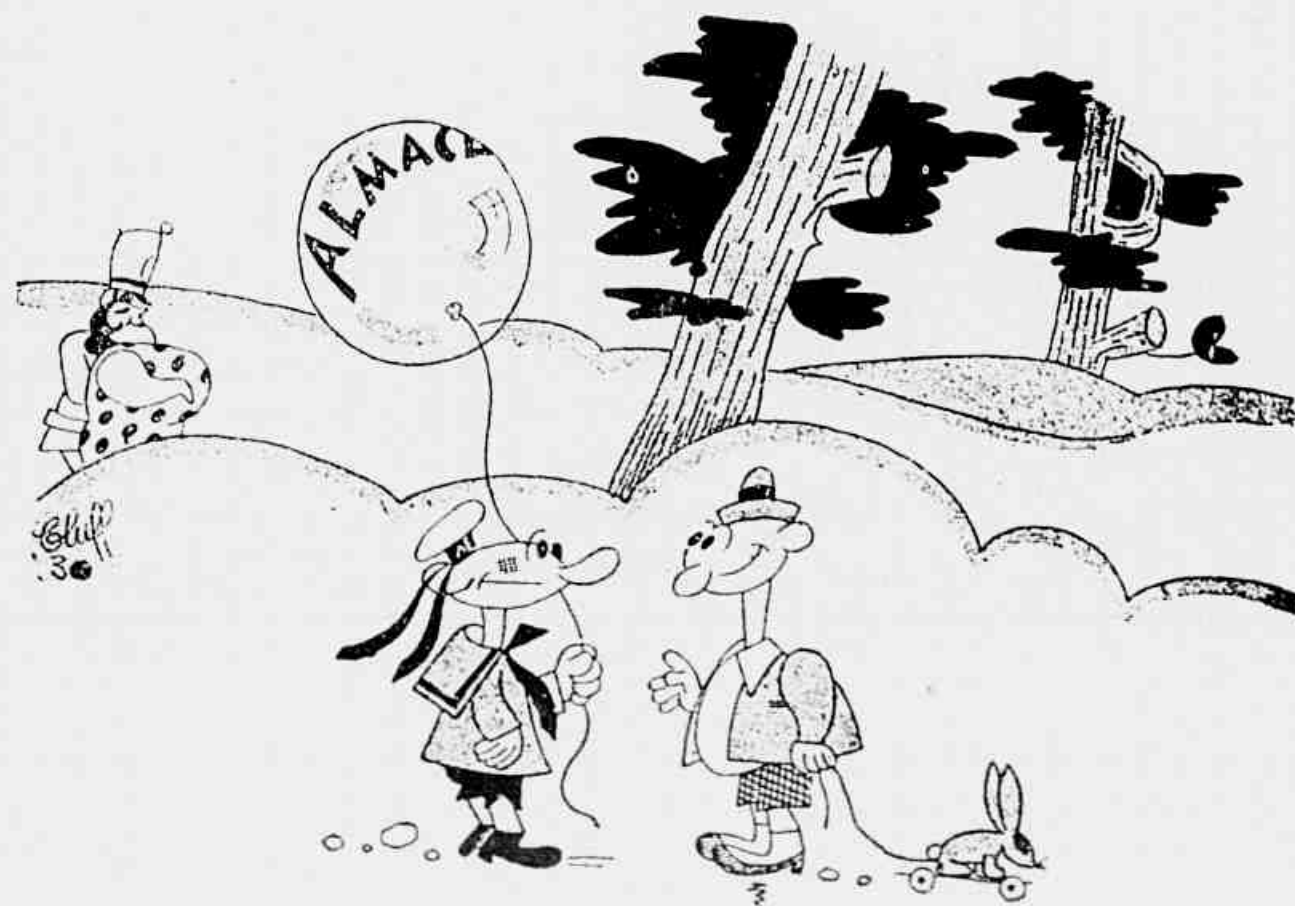
A resignação é a companheira da sensatez: afasta a desgraça.

* *

Quando se ama duvida-se muitas vezes daquillo em que mais se crê.

Um soffrimento que é partilhado é menos amargurado.

* *

E' melhor perder-se o que se ama que lhe parecer indigno.

— Mas essa bola era mais estreita hoje pela manhã.

— Não. Era assim mesmo.

— Bem, é que eu então a vi de perfil.

FANTASIAS
Vestuarios do tempo passado

1 — Vestuario de 1854, de tafetá cinzento claro, guarnecido com *ruches* do mesme tecido, *guimpe* de *lingerie* com bordados e rendinhas. Chale de renda preta e chapéu de tafetá cinzento claro, guarnecido com rosas e fita de velludo preto. 2 — Toilette de 1836, setim rosa claro, guarnecido com fitas estreitas de velludo azul vivo; os babados da saia são franzidos. *Echarpe* de gaze azul. 3—Vestido da época da rainha Victoria da Inglaterra, de filó branco: a saia guarnecida com diversas ordens de babadinhos franzidos termina por um grande babado muito franzido. Capinha e corpo enfeitados com ordens de renda *valencienne*. Chapéu de filó e renda. 4 — Vestido de 1850, de tafetá *gris perle*; e saia de muita roda termina-se por um babado franzido e picotado: *ruches* do proprio tecido guarnecem as mangas e a capinha. Cinto de velludo preto com fivella de prata. Chapéu cabriolet de palha cinzento claro, forrado e guarnecido com fitas de setim verde e rosinhas vermelhas em guirlanda. 5 — Vestido para creança de 1854, de tafetá branco guarnecido com fitas de velludo rubi. Corôa de rosas brancas na cabeça. Calça com punho franzido de *nanzouk* branco

Nossa alimentação

OS BENEFICIOS DA BÔA HYGIENE ALIMENTAR

Alimentar-se sãmente, sabendo escolher os alimentos uteis, compôr *menus* logicos e cozinhal-os sem complicação implica a realização das virtudes primordiaes de ordem, de simplicidade, de regularidade e de disciplina que estão na base da saude material e do progresso espiritual, porque é exercitando-se a perfeição sobre as pequenas coisas que a gente se torna apta a triumphar de difficuldades importantes e a realizar grandes progressos.

MENU DE JANTAR

SOPA DE REPOLHO

MATELOTE

KNEPPES D'ALSACIA

FRANGO DE PANELLA

CENOURAS Á VICHY

MACARONS DE NANCY

SOPA DE REPOLHO

Corta-se bem fino em tiras um repolho pequeno, põe-se n'uma panella com 250 grs. de manteiga; deixa-se cozinhar lentamente; não se deixa pegar no fundo; molha-se com meio litro d'agua fervendo, e tempera-se com sal.

Faz-se aquecer um litro de leite e junta-se a sopa já despejada na terrina. Mexe-se bem e serve-se.

MATELOTE

Corta-se em pedaços peixes de diversas qualidades. Põe-se dentro d'uma panella com dois dentes de alho, dois cravos da India, um bouquet de cheiros, uma folha de louro, sal e pimenta; cobre-se com vinho tinto. Quando ferver junta-se um calice de cognac, faz-se queimar o alcool, mexe-se bem.

Retira-se em seguida os peixes que já devem estar cozidos.

Liga-se o môlho com manteiga amassada com farinha de trigo, junta-se em seguida os pedaços de peixe, cebolinhas e champignons refogados na manteiga. Despeja-se n'uma travessa sobre torradas fritas na manteiga e enfeita-se com alguns camarões cozidos em agua e sal.

KNEPPES D'ALSACIA

Faz-se uma massa com meio kilo de farinha de trigo, tres ovos, uma tigela de leite, queijo branco, uma pitada de sal.

Deixa-se descansar duas horas. Toma-se a massa por colheradas, e põe-se para cozinhar um quarto de hora dentro de abundante agua em ebulição.

Faz-se frigir na manteiga uma cebola picada, miolo de pão picado muito miúdo; junta-se tres colheres de creme (nata), aquece-se e despeja-se este môlho sobre os kneppes, que podem ser comidos tambem com o môlho *vinaigrette*.

Toilette de *lamé*, prata e preto, muito ajustada na parte de cima e alargando-se em baixo por um babado franzido.

Vestido de mousseline branca, brochado de velludo do mesmo tom.

FRANGO DE PANELLA

Toma-se um frango bem gordo, que depois de bem limpo é cortado em pedaços. Põe-se n'uma panella com uma colhér de manteiga, uma cenoura, uma cebola, um bouquet de cheiros, uma folha de louro e um pedaço de toucinho, e agua para cobrir o todo; faz-se cozinhar em fogo brando, escumando muitas vezes.

No fim de meia hora o frango já deve estar macio. Conserva-se n'um lugar quente, côa-se o môlho; deixa-se reduzir se tiver mais d'um copo; junta-se quantidade egual de leite, sal, pimenta e salsa picada; põe-se dentro os pedaços de frango e deixa-se cozinhar em fogo muito brando mais meia hora.

Cinco minutos antes de servir, bate-se n'uma tigela algumas colheres de creme ou de leite com uma gemma de ovo; junta-se pouco a pouco o môlho do frango, em seguida despeja-se dentro da panella: Não deve mais ferver. O môlho deve ficar bem espesso.

CENOURAS A' VICHY

Raspa-se bem um môlho de cenouras novas e corta-se em rodellas.

Faz-se derreter 250 grs. de manteiga juntando algumas gottas d'agua para impedir de escurecer. Juntam-se as cenouras e uma pitada de sal. Cobre-se a panella com um prato fundo (esmaltado) cheio d'agua e tampa-se com a tampa da panella.

Deixa-se cozinhar lentamente uma hora ou mais.

Cinco minutos antes de servir, destampa-se, salpica-se com assucar e faz-se tomar côr em fogo forte.

Despeja-se no prato essas cenouras assim feitas, como se as prepara em Vichy já ha muitos seculos.

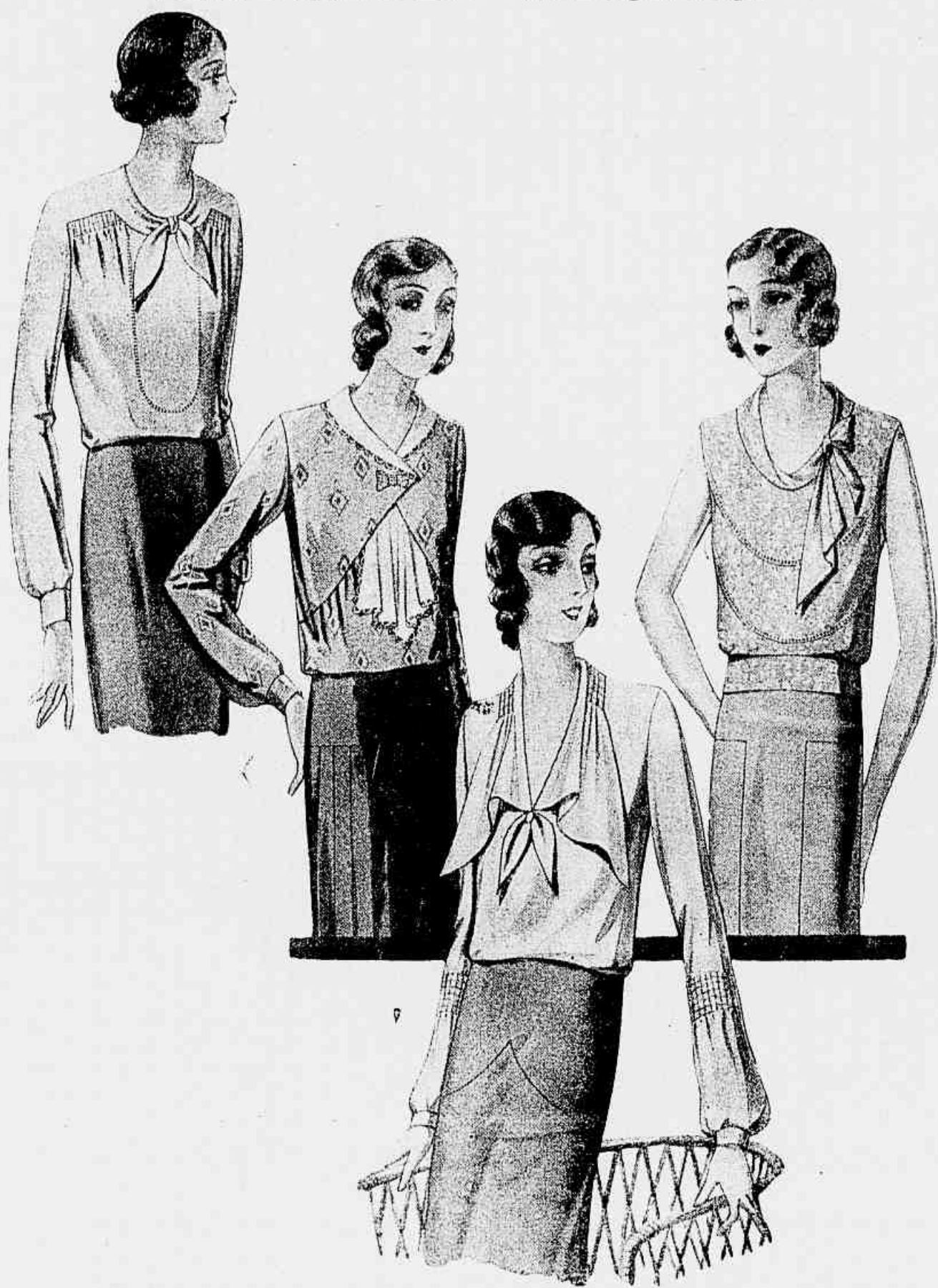
MACARONS DE NANCY

Toma-se 250 grs. de amendoas. Depois de tirar as cascas são jogadas dentro da agua fervendo, para retirar mais facilmente a pellicula que as cobre.

Faz-se seccar e colorir no forno. Soca-se em seguida n'um gral, juntando uma a uma duas claras de ovo;

Pastora Watteau — Saia de setim branco guarnecida com guirlanda de rosas côr de rosa. Corpete e *panniers* de setim branco com raminhos de rosas. Uma fita de velludo preto ataca o corpete. Chapéu de palha com grinalda de rosas e fita de velludo preto.

Vestuario de dansarina oriental de *lamé* vermelho e ouro. A longa *écharpe* de crepe *georgette* vermelho toda bordada com *strass*. A tiara feita de *tulle* dourado é toda guarnecida com *strass* e rubis.

ALGUMAS BLUZAS

1 — Bluza de crêpe de Chine branco. As mangas e a pala formam uma só peça. Franzidos e pontos abertos guarnecem a bluza. 2 — Bluza de crêpe de Chine *beige* com desenhos marrons, para ser usada com uma saia marron. Golla e *jabot* de crepe *georgette* branco. 3 — Bluza de crêpe *georgette* rosa claro, guarnecida com preguinhas pespontadas em xadrez. 4 — Bluza de *voile* de fantasia, enfeitada com pontos abertos.

quando a massa estiver bem lisa, junta-se 450 grs. de assucar; depois de tudo bem misturado, incorpora-se mais vinte grs. de marmelada de damasco e tres claras muito bem batidas.

Toma-se dessa massa com uma colhér das de chá e fazem-se suspiros sobre uns taboleiros forrados com papel. E' preciso ficarem bem espaçados uns dos outros.

Assam uns vinte minutos no forno brando. Para tirar os macarons do papel, molha-se o papel com agua alguns minutos antes de descollal-os.

O optimismo do medico

Um bom medico deve ser pessimista ou optimista? Deve elle dizer ao seu doente: "E' grave!" ou animal-o dizendo "Trate-se, que isso passará depressa!" As duas escolas têm seus partidarios, e os argumentos não faltam d'um lado e do outro dessa barricada.

Quanto mais se vive mais se acredita na efficacia do optimismo. Antes de tratar do corpo, o medico deve pensar no moral do seu doente: antes de dar o remedio, deve preparar o terreno psychico, porque é um facto bem conhecido que a esperança e a confiança na cura criam um estado de resistencia dos tecidos e uma defesa superior do organismo. O moral, o moral em primeiro lugar! Convencer o doente de que elle vae ficar bom deve ser o primeiro acto d'um tratamento. Não é sempre facil, na maior parte das vezes: sómente o medico optimista póde conseguir este resultado. Os curandeiros, os charlatães dão-nos, a esse respeito, uma lição util. Optimistas decididos, garantem sempre, antes de começar

Toilette de marqueza do seculo 18, de tafetá verde muito claro. A saia assim como os *panniers* guarnecidos com *ruches* do proprio tecido desfiadas dos dois lados e mantidas no centro por uma fite *vieux rose* claro. Essa mesma *ruche* termina o decote quadrado, os babados das mangas como o da saia. Cabelleira branca com grinalda de jasmim e velludo estreito preto.

Vestidinho de tricot

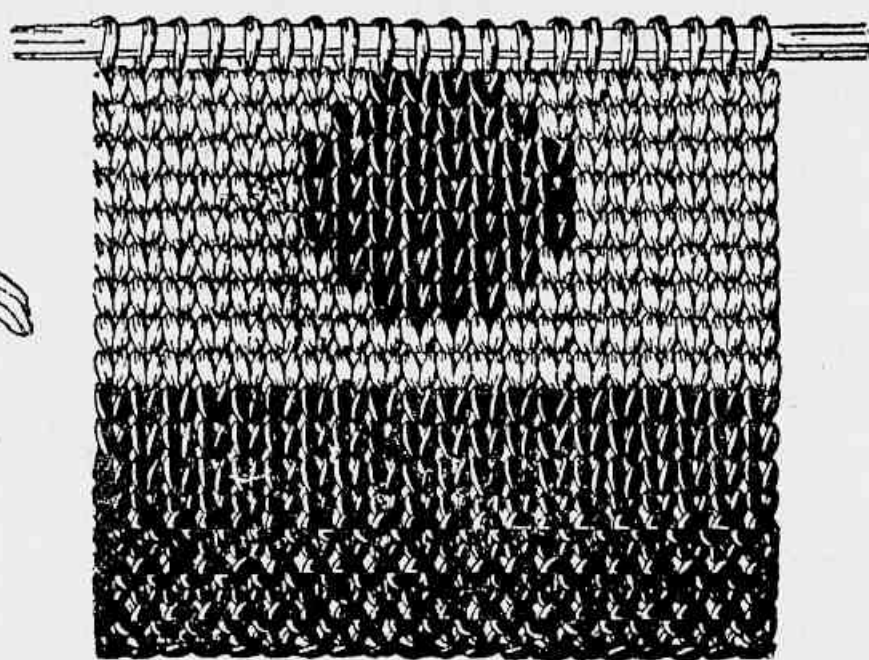



Fig. 1 — A barra do vestido.

O vestidinho é feito com lã rosa claro, a barra e as bolas com lã azul turqueza. Começa-se fazendo a saia, que póde ser feita já fechada ou, querendo-se, aberta atrás, ou então em duas partes e unida em baixo dos braços. Começa-se pela barra da saia. Toma-se a lã azul e põe-se na agulha 90 malhas, que darão uns 35 centimetros (metade da saia). Fazer o ponto *jarretière*, todo do direito (fig. 1) durante 6 carreiras; depois fazer 3 carreiras de ponto de jersey, uma carreira avesso, uma carreira direito. Cortar a lã azul, tomar a côr de rosa e fazer 2 carreiras com o ponto de jersey ; na terceira carreira começa-se a fazer as bolas com a lã azul. Para simplificar o trabalho póde-se bordar com o ponto de cruz as bolas depois do vestidinho tricotado. O corpo, para diminuir a roda da saia, é feito uma malha do direito outra do avesso (ponto de *jersey*). Depois das duas partes do vestidinho promptas são unidas e depois feita a rendinha de crochet com a lã côr de rosa em volta das cavas e da golla.

Fig. 2 — Metade do vestidinho com as medidas para uma creança de 18 mezes.

Fig. 4 — Rendinha de crochet.

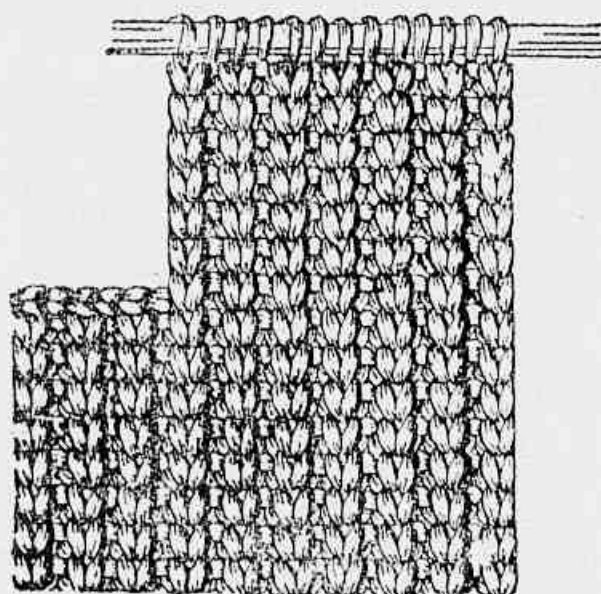



Fig. 3 — Maneira de formar a golla do vestidinho.

---

com os seus charlatanismos, que vão curar o doente. E não garantem isso apenas ao doente, convencem tambem aos que o rodeiam, operam n'uma atmosphera de optimismo, é d'ahi que lhes vem o successo.

Curam apenas os nervosos, mas aquelle que perdeu o equilibrio da saude não é, devido a isso mesmo, sempre um nervoso?

No emtanto, é incontestavel que alguns doentes têm necessidade de ser assustados para tratarem-se. Com esses precisa-se de energia. Por exemplo: uma jovem que vae consultar o medico, e este constata um principio de tuberculose pulmonar. Convencendo-a de que a curará, precisa ao mesmo tempo persuadil-a de que, se não fôr fazer uma cura de repouso n'um clima bom, ou melhor ainda n'um bom sanatorio, não poderá libertar-se dessa terrivel doença. Precisará encontrar argumentos decisivos sem no emtanto desanimar a doente: ser ao mesmo tempo optimista e pessimista.

Cada doente é um caso especial e, cada vez, o medico terá de encontrar as palavras, as phrases que convêm a este caso especial. Essas palavras, essas phrases o medico encontrar-las-á com facilidade quando não vir no doente apenas um caso, mas um ente que tem direito á vida, a quem precisa dar coragem levantando o moral abatido.

Póde-se concertar com facilidade um vestido curto e de pouca roda, applicando *godets* de renda e pondo no corpo uma golla grande da mesma renda.

Origem curiosa de palavras e expressões.

"VICTORIA Á PYRRHUS"

Diz-se muitas vezes "E' uma victoria á Pyrrhus" para designar um successo qualquer que custa muito caro. De onde veiu essa expressão ? Sabe-se que Pyrrhus era rei do Epiro, e que elle luctou energicamente e muitas vezes victoriosamente contra os romanos. Pyrhus venceu-os depois de rudes combates em Heraclea e em Asculum, isso tendo se passado no anno 279 antes de Jesus Christo. Mas quando o felicitavam pelas suas successivas victorias, pensando no que ellas tinham custado aos seus exercitos, Pyrrhus exclamava: "Mais uma victoria como essa e estamos perdidos".

Foi d'ahi que veiu essa expressão de "Victoria á Pyrrhus", para designar uma victoria paga caro de mais.

....

PENSAMENTO

As duas mais bellas coisas do mundo: as mulheres e as rosas.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e saude da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 6 — 1.º andar — Copacabana.

Mauricio — Os cabellos profundam mais do que apparentemente se julga, chegando a atravessar toda a espessura da derme.

Para promover o novo crescimento do cabello, humedeça bem todas as noites o couro cabelludo com o meu *Tonico n. 9* e pela manhã alise o cabello com o *Tonico n. 10*. O *Tonico n. 9* e o *n. 10* fortificam o couro cabelludo dando força e saude ás raizes capillares. Deve lavar a cabeça de dez em dez dias com agua simples morna.

E' um erro lavar a cabeça todos os dias: muita agua tambem apodrece as raizes das plantas. O *Tonico n. 9* destroe rapidamente a caspa e limpa activamente a cabeça.

Mme. Mello (S. Paulo) — O rouge *Rosita* applica-se antes da applicação do pó de arroz, o que dá o bello tom rosado. Varias vezes ao dia humedeça o rosto com a *Loção Adstringente*: corrige a oleosidade, dando á pelle um lindo tom lacteo e uma frescura saudavel.

Pernambucana — O pó de arroz não é apenas um enfeite, o seu uso corresponde a uma necessidade. Protegendo a pelle com uma fina camada do *Pó de Arroz Hygienico*, preserva a cutis da acção directa do sol. Um máu pó d'arroz predispõe a pelle para os pontos negros, dilatação dos poros e irritações. Como fixativo do pó de arroz, use a *Loção Adstringente*: o seu effeito refrigerante faz-se logo sentir. N'estes dias de calor deve se applicar a *Loção Adstringente* e o pó de arroz varias vezes ao dia, porque clareia, refresca e tonifica a pelle.

Mlle. Medeiros — Todos os dias depois do banho ponha sobre a mão um pouco de *Perfume Selda* friccionando todo o corpo. Assim obterá para sempre uma pelle fina, sadia e flexivel.

Lulú — Posso enviar-lhe pelo correio um frasco. Sempre aconselhei misturar a minha tintura com agua oxygenada Merck dupla. Não é forte demais. O resultado é completo.

Rosa Brasileira — Depois do banho o corpo deve friccionar-se com a mão humedecida com *Perfume Selda*, desde o pescoço até aos pés. Depende da sua perseverança no tratamento que lhe indico adquirir um corpo perfeito. Friccionar o corpo depois do banho é ao mesmo tempo o exercicio mais importante para manter a belleza e combater a excessiva gordura. O *Perfume Selda* evita a flacidez. Que regimen alimentar? Carne, fructas, pão torrado. Evite leite, ovos e queijo.

Silvia — Experimente o seguinte tratamento, cujos resultados são infalliveis. Todas as noites, antes de deitar, banhe os seios com leite quente; em seguida proceda a uma massagem circular com *Crême de Massagem* e applique o *Pó de Lyrio*.

O seio torna-se branco conservando a rigidez.

Mineira — O uso diario do sabonete *Sylkale* é conveniente para conservar a frescura da pelle. Para limpar a pelle applique uma camada de *Crême de Massagem* sobre o rosto pescoço e colloque uma compressa com um lenço molhado em agua quente misturada com uma colhér de *Loção dos Cravos*. Em seguida limpe a pelle e applique o *Pó de Arroz Hygienico*.

Miss Frazer — Aconselho a lavar a cabeça de 7 em 7 dias com meu *Shampoo-Pó* e humedecer diariamente o couro cabelludo com o *Tonico n. 9* para fortalecer o cabello, evitando que continue a cahir.

Lucie (Campos) — Molhe na *Loção de Embellezar a Pelle* um pouco de algodão hydrophilo e passe pelo rosto, humedecendo-o bem, de modo que a cutis fique molhada no sitio das rugas. Enxugue ligeiramente a pelle e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. De effeito rapido para amaciar a cutis, torna-a setinosa, evitando a formação das rugas.

SELDA POTOCKA.

Lopes Moreira (Minas Geraes) — 1,0 para cada copo com agua.

Narciso de Oliveira (Pernambuco) — As informações que deseja devem ser solicitadas ao presidente da Assistencia Dentaria Infantil, professor Eyer, rua Almirante Barroso, 11.

Carlos Cisoma (Minas Geraes) — O bicarbonato, por exemplo.

Antonio Vicente (Rio Grande do Sul) — Bochechos frios com

Acide tannico 4,0; Tintura de iodo, 2,0; Agua de hortelã 500,0.

Mme. X. (Minas Geraes) — Pode mandar preparar para o seu filho a seguinte pasta dentifricia:

Carbonato de calcio 24,0; Iris em pó, 24,0; Sabão branco 6,0; Borax pulverisado 6,0; Glycerina q. s. para uma pasta molle.

Feliciano Hercules de Moraes (Rio G. do Sul) — Friccionar o ponto dolorido com:
Menthol 1,0; Cocaina 0,25; Chloral 0,50; Vaselina 5,0.

Um Collega (Minas Geraes) — Já estão sendo distribuidos os primeiros volumes dos Annaes do 3.º Congresso Odontologico Latino-Americano.

Ernesto Junqueira (Minas Geraes) — No local ficará melhor uma coroa de ouro.

Jayme Trude de Menezes (Pernambuco) — 10,0 é o sufficiente.

Felix de Almeida Jorge (Rio G. do Sul) — Pelo methodo de Callahan a solução empregada é a seguinte:

Agua, 50 grammas: Acido sulfurico, 20 grammas.

Gonçalves Moreira (S. Paulo) — Sempre antes de deitar-se.

F. I. L. O. (Rio G. do Sul) — Remoção das pontes e a sua substituição por outras.

G. (Minas Geraes) — O leite de magnesia, por exemplo.

Renato Novaes (Pernambuco) — Antes das refeições.

Fernando (Alagôas) — A tintura de iodo, por exemplo.

Wenceslau Gomes (Minas Geraes) — Trabalho de chapa.

Assumpção (Minas Geraes) — Sabão de magnesia 10,0; Carbonato de calcio precipitado, 9,0; Essencia de rosas, X gottas; Essencia de hortelã, X gottas; Essencia de alfazema 1,0; Carmim, q. s.

ALEXANDRINO AGRA.

Acha-se á venda o

Preço para todo o BRASIL
5.000 Rs.

• Cia. EDITORA AMERICANA •